

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *CAMPUS* ARARAS/SP  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E EDUCAÇÃO

KAMINSKI ZOZ DAJU DIAS

**CRIANÇAS TRANSGÊNERAS - EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

Araras - SP

2022

KAMINSKI ZOZ DAJU DIAS

**CRIANÇAS TRANSGÊNERAS - EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos - *campus* de Ciências Agrárias.

Orientadora: Profa. Dr. Fernanda Vilhena Mafra Bazon.

ARARAS - SP

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

**KAMINSKI ZOZ DAJU DIAS**

CRIANÇAS TRANSGÊNERAS - EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Assinatura dos membros integrantes à banca examinadora para aprovação da monografia de Kaminski Zoz Daju Dias na finalidade da obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas na Universidade de São Carlos *campus* Centro de Ciências Agrárias Araras - SP.

Profª Dra. Fernanda Vilhena Mafra Bazon.

Universidade Federal de São Carlos - *campus* Araras

Profª Dra. Daniele Lozano.

Universidade Federal de São Carlos - *campus* Araras

Msc. Gisele Zutin.

Universidade Federal de São Carlos

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o presente trabalho à minha família que sempre me apoiou, meus queridos amigos da vida e da república onde morei durante toda minha graduação, a todos que sempre acreditaram em mim. E uma dedicatória especial para toda a comunidade LGBTQIA+ a qual faço parte, que resiste, e sempre resistiu com muita luta em um país que ainda contém muito preconceito e injustiças para conosco (Brasil).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todos os que me apoiaram a chegar até onde cheguei. Agradeço imensamente minha mãe Cloris e meu pai Osmar pela criação e por abraçar um filho homossexual cheio de medos e preocupações em relação ao futuro, minhas irmãs Kadichari, Kauanna e Kadijha por todo o carinho, preocupação e amor que tiveram comigo, me lembrando a cada dia de persistir e buscar ser sempre uma pessoa melhor.

Gostaria de agradecer em especial os meus amigos da República Abatedouro, localizada no campus onde passei toda minha graduação, onde tive momentos de muita alegria, sendo está formada pela junção de tantos sonhadores que me proporcionaram um segundo lar, uma segunda família. Aos amigos que deixei por um tempo na cidade de Americana e Santa Bárbara D'Oeste, que entenderam os motivos de minha ausência em todos esses anos. Agradeço aos meus amigos de faculdade do grupo “Casa do Vale 24” pelo apoio e carinho, dando forças nos momentos de forte ansiedade na universidade.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de São Carlos por ter me proporcionado tamanhas vivências e por ser tão importante em me tornar um profissional que almeja ser melhor à cada dia, assim como a todos os integrantes do *campus* de Ciências Agrárias, em especial à professora Fernanda e querida amiga Gisele, que abraçaram a ideia desta monografia, com todos seus conselhos, me ajudando e compreendendo minhas necessidades ao formular este trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho buscou realizar, por meio de um levantamento bibliográfico, como as questões pertinentes à vida cotidiana de crianças e adolescentes pertencentes a comunidade LGBTQIA+ (com enfoque nas pessoas transgêneras) presentes nas escolas brasileiras são abordadas pela academia. Os descritores utilizados para a busca na plataforma CAFE Capes foram: Transgêneras escola; Escola LGBTQIA+; Educação transgênera; Crianças e adolescentes LGBTQIA+ e Crianças transgêneras, sendo selecionados 67 trabalhos e escolhidos 10 a partir dos objetivos deste estudo. A metodologia utilizada foi o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, envolta no processo de análise documental e pesquisa bibliográfica. As quais somadas proporcionam uma busca rica em documentos, a análise do mesmo, suas comparações, aprofundamentos e questionamentos, para assim se aproximar de uma conclusão sobre o tema. Nota-se que apesar dos avanços em nossa sociedade e na educação, muito ainda deve e pode ser feito a fim de garantir um espaço de qualidade para o aprendizado de nossas crianças LGBTQIA+ e principalmente transgêneras, sem que as mesmas sofram tanta violências de origem preconceituosas nesses locais.

**Palavras-chave:** Ensino. Comunidade LGBTQIA+. Aprendizado. Alunas (os). Escolas Brasileiras.

## ABSTRACT

The present study aimed to conduct a bibliographic survey on how issues relevant to the daily lives of LGBTQIA+ children and adolescents, particularly transgender individuals, in Brazilian schools are approached by academia. The descriptors used for the search on the CAFE Capes platform were: Transgender school; LGBTQIA+ school; Transgender education; LGBTQIA+ children and adolescents, and Transgender children. Sixty-seven works were selected, and ten were chosen based on the objectives of this study. The methodology employed was qualitative research, involving document analysis and bibliographic research. Together, these methods provided a rich search for documents, their analysis, comparisons, in-depth investigations, and questioning, to approach a conclusion on the topic. It is evident that, despite progress in our society and education, much still needs to be done to ensure a quality space for learning for our LGBTQIA+ children, especially transgender individuals, without subjecting them to such prejudiced acts of violence in these settings.

**Keywords:** Teaching. LGBTQIA+ community. Apprenticeship. Students. Brazilian Schools.

## LISTA DE QUADROS

<b>Figura 1</b> - Panorama do recorte bibliográfico.....	33
<b>Figura 2</b> - Títulos dos artigos por periódicos e ano de publicação.....	36
<b>Figura 3</b> - Estratificação dos periódicos segundo classificação da Qualis CAPES.....	37
<b>Figura 4</b> - Identificação dos autores, periódicos e vínculos institucionais.....	37
<b>Figura 5</b> - Referências mencionadas nos artigos da categoria.....	39
<b>Figura 6</b> - Objetivos dos artigos selecionados.....	42
<b>Figura 7</b> - Metodologias inerentes aos artigos.....	44
<b>Figura 8</b> - Resultados apontados nos artigos.....	46
<b>Figura 9</b> - Síntese dos artigos, segundo sua composição estrutural e cronologia.....	48
<b>Figura 10</b> - Principais elementos comuns nos artigos.....	50



**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> - Comparação quantidade de artigos encontrados e os selecionados.....	34
<b>Tabela 2</b> - Quantidade de artigos específicos selecionados, por periódicos e ano de publicação.....	35

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVO.....	19
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
4. METODOLOGIA.....	30
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
6. SINTESE DOS DADOS.....	48
7. DISCUSSÃO DOS DADOS.....	51
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
9. REFERÊNCIAS.....	57

## 1. INTRODUÇÃO

Dentre as preocupações da sociedade atual nos deparamos com a noção do ser, de pertencer, e ser respeitado enquanto indivíduo LGBTQIA+ nas instituições de ensino. Tendo em vista a luta incessante desta comunidade, aprofundarmos sobre o tema se torna necessário quando nos deparamos com as problemáticas existentes nas vivências das pessoas pertencentes à mesma. Essa pesquisa focaliza, a análise de trabalhos acadêmicos cujo tema comporte a relação de pessoas transgêneras (crianças e adolescentes) que se inserem em instituições de ensino no Brasil.

Para contextualizar a questão primeiramente devemos destacar a luta do Movimento LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, + outras identidades de gênero e orientações sexuais) que teve seu marco de início com os episódios ocorridos em Stonewall Inn, bar de Nova Iorque que, no ano de 1969, foi cenário de grandes revoltas envolvendo pessoas que estavam cansadas de serem desrespeitadas por policiais e autoridades da época, por serem LGBTQIA+, sendo as mesmas identificadas como desviantes das normas sociais. Tal fato deu início as Paradas do Orgulho Gay em todo o mundo. No Brasil, a luta por direitos humanos referente à comunidade LGBTQIA+ surge mais tarde que na América do Norte ou Europa, tendo em vista que o país passou por uma ditadura militar que perdurou 21 anos, entre 1964 e 1985. A década de 80 foi então um marco importante para essa luta, tendo em vista o processo de reabertura democrática no país (CANABARRO, 2013, p. 1). “Pouco a pouco, os movimentos democráticos foram (re)aparecendo, surgindo nesse período vários grupos do denominado movimento Gay (CANABARRO, 2013, p. 2)”. Sobre uma característica importante referente a história da sigla do movimento LGBTQIA+ no Brasil, que trataremos também adiante, o autor descreve que

Durante muito tempo, o termo para se referir à militância LGBT ficava somente identificado como gay. O uso de letras representando identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais só é discutido e assimilado mais tarde. No Brasil, em especial, o uso se deu após a 1ª Conferência Nacional GLBT, realizada em Brasília, no período de 5 e 8 de junho de 2008. Essa troca foi para que outras lutas pudessem ter visibilidade, como a das lésbicas, travestis e transexuais” (CANABARRO, 2013, p. 2).

Segundo Canabarro (2013) no final da década de 1970, foram criados movimentos como o Jornal Lampião da Esquina, em 1978 (FRY, 1993 *apud* CANABARRO, 2013, p. 2) o qual destinava uma parte ao quadro *falando sobre “coisas de bicha”*, desafiando o preconceito e censura da sociedade daquele período. Outro grupo LGBTQIA+ brasileiro de grande importância foi o denominado Movimento Homossexual Brasileiro, alicerçado no grupo “Somos”, foi o primeiro grupo reconhecido com a proposta de defesa de demandas homossexuais, fundado em 1978, em São Paulo (FACCHINI, 2005, p. 66 *apud* GROSS, 2018, p. 12).

Na década de 1980, contribuindo para a piora das barreiras contra a comunidade LGBTQIA+, surge a denominada epidemia de SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS na sigla em inglês), doença essa que foi por muito tempo relacionada apenas à comunidade Gay, sendo destacada como uma "desgraça" advinda dessas pessoas. Foi um período conturbado no qual a imprensa, a religião e a sociedade, em sua maioria, voltava seus olhos e bocas ao ato de esbravejar contra essas pessoas. “Antes, a luta era por liberdade, agora, ao ver tantos amigos militantes morrendo, torna-se uma luta pela vida (CANABARRO, 2013, p. 2)”. Entretanto, diante desse drástico cenário, “instala-se algo que marca o Movimento LGBT: a parceria com o Estado, em especial, as áreas governamentais da Saúde” (PARKER, 2000 *apud* CANABARRO, 2013, p. 2). Segundo o autor, em decorrência da pandemia de AIDS nos anos 1980, muitas ONGs foram criadas na tentativa de apoiar a comunidade LGBTQIA+, estando muitas destas ligadas em atividades adjuntas ao governo federal.

Nesse período tivemos uma crescente de movimentos ligados à resistência e conscientização de pessoas dentro e fora da comunidade LGBTQIA+, com o principal objetivo de despatologizar as diversas orientações e identidades de gênero.

Em nosso país, segundo Mott (2005, p. 100) em 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da classificação de doenças: “essa campanha nacional teve o apoio de mais de 16 mil signatários, incluindo destacados intelectuais, políticos e artistas, antecipando, em cinco anos, resolução semelhante da Organização Mundial de Saúde (OMS)”. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde retira de seus catálogos médicos (DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e CID – Código Internacional de Doenças), o homossexualismo (o sufixo ismo remete à doença), passando-se a denominar homossexualidade, como condição de ser e orientação individual do desejo (ABGLT, 2013 *apud* CANABARRO, 2013, p. 3).

Muitos estudos e avanços na ciência relacionados à comunidade LGBTQIA+ e a síndrome (SIDA) surgiram nas décadas de 1980 a 1990 possibilitando a desmistificação e conquista de fraternidade e empatia com a causa. “No ano de 1980, acontece o primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais, e em 1981, a primeira comemoração do Dia do Orgulho Gay (28 de junho) (MOTT, 2005 *apud* CANABARRO, 2013, p. 3). O autor descreve o quanto foi difícil a criação e regência de leis que garantissem direitos às pessoas LGBTQIA+ a partir da década de 1980, destaca que apenas no ano de 1996 “homossexuais são citados pela primeira vez num documento oficial do governo brasileiro, o Plano Nacional de Direitos Humanos, e incluídos entre os grupos sociais mais vulneráveis de nossa sociedade (CANABARRO, 2013, p. 4)”.

Ainda segundo o autor, alguns dados a serem destacados sobre a luta da comunidade LGBTQIA+ envolvem o fato da primeira parada do Orgulho Gay de São Paulo ter ocorrido em 1997, sendo a maior do mundo até os dias atuais; e o grande ato de 1999, no qual o Conselho Federal de Psicologia aprovou uma resolução com o objetivo de proibir terapias visando à “cura” de homossexuais (As homossexualidades estiveram presentes no catálogo de Classificação Internacional de Doenças (CID) no rol de doenças mentais até o final do século XX) (GROSS, 2018). Outros atos importantes na história a serem destacados são: “Nos anos de 2000, o INSS concedeu o direito previdenciário de pensão a parceiros gays por falecimento ou detenção; em 2001, é Fundada a Articulação Nacional de Travestis (Antra) e em 2002, o Grupo Gay da Bahia lançou o Livro União Estável Homossexual, reconhecido pelo INSS como documento legal para comprovação de relações estáveis e recebimento de benefícios (MOTT, 2005 *apud* CANABARRO, 2013, p. 5)”.

O autor descreve como é notável que as conquistas tiveram origem primeiramente pelo poder judiciário:

Exemplos são os anos de 2011, em que o STF – Supremo Tribunal Federal legislou sobre a União Estável homoafetiva, dando igualdade de direitos a famílias homoparentais e em 2013, o CNJ – Conselho Nacional de Justiça normatizou o casamento civil igualitário, ou o casamento homoafetivo, (termo cunhado pela ex-desembargadora Maria Berenice Dias), como tem sido chamado, de forma que todos os cartórios do Brasil estão impedidos de se recusarem a realizar o casamento civil entre pessoas de mesmo gênero (CANABARRO, 2013).

Podemos revisar as movimentações históricas aqui descritas no artigo “Notas Sobre a Trajetória das Políticas Públicas de Direitos Humanos LGBT no Brasil” de Pereira (2016), no qual cita a autora Regina Facchini (2005) que em sua obra “sopa de letrinhas?”, classifica a história do movimento LGBT no Brasil em três diferentes ondas, “a primeira delas vai de 1978 a 1983, a segunda compreende os anos de 1984 a 1992 e a terceira engloba o período de 1992 até a escrita do livro citado (FACCHINI, 2005 *apud* PEREIRA, 2016, p. 121)”.

A primeira onda é qualificada pelo surgimento do Movimento LGBTQIA+ (chamado de Movimento Homossexual Brasileiro - MHB) por meio do grupo Somos e do Jornal Lampião da Esquina, ambos em um período conturbado de momento ditatorial no país. A segunda surge em meio ao caos da epidemia de HIV/AIDS, obrigando movimentações dos grupos LGBT espalhados por todo território brasileiro e pressionando ações do estado para com a resistência ao avanço do contágio; nesse mesmo período ocorreu a queda da ditadura, iniciou-se a campanha nacional pela retirada da homossexualidade do Instituto Nacional de Assistência Médica (INAMPS) e à luta da despatologização. Ainda é nesse período que nos deparamos com o surgimento da expressão “orientação sexual” em oposição à ideia de ser uma opção, uma escolha. Por fim, temos a terceira onda (1992-2005) marcada por um aumento no número de ONGs e grupos do Movimento LGBTQIA+ (setoriais partidários, grupos informais, grupos religiosos, núcleos universitários, etc.) em todo o país.

O projeto neoliberal vigente dos anos 90 fomentou a organização do Movimento em formato de ONG e a disputa pela execução de projetos estatais, sobretudo de caráter preventivo do HIV/AIDS. Em virtude do contexto, a pauta de política pública que entra com mais força no Estado é a da saúde, com foco no HIV/AIDS, que irá se transformar no Governo Lula em políticas de direitos humanos e cidadania com a implantação de políticas afirmativas e participativas. É nessa “onda” que entram em cena com mais força outras identidades – e suas agendas – até então secundárias no Movimento LGBT como lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. É nesse período que se formam as grandes redes nacionais que congregam dezenas de organizações locais e de base, como: a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), Associação Brasileira de Lésbicas (ABL), Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), Rede Afro LGBT, entre outras, além do aumento da visibilidade na sociedade e na mídia através das Paradas do Orgulho LGBT, outra característica marcante deste período (PEREIRA, 2016, p. 122).

De acordo com Pereira (2016), estaríamos inseridos no desenvolvimento da quarta onda na atualidade, na qual saímos de uma resistência direcionada à questão de saúde para

avancarmos em outras áreas de âmbito social (principalmente na educação), com o avanço de formulação de leis e programas em solo nacional, um aumento de relações entre ativistas LGBTQIA+ nos três poderes, com o deslocamento de ativistas LGBTQIA+ para o interior do Estado, atuando na formulação e execução de políticas públicas nesses espaços, gerando novos dilemas políticos e teóricos. Embora ainda tenhamos uma oposição religiosa e conservadora fortemente estabelecida indo de encontro a esses avanços da comunidade em questão. Como ressalta o autor, “ganham-se força novas formas de ativismo e perspectivas teóricas pós-modernas, com destaque para a Teoria Queer e Pós-Coloniais” (PEREIRA, 2016, p. 123). O mesmo ainda descreve o avanço da discussão e vivência da comunidade LGBTQIA+ em grupos inseridos nas universidades brasileiras, com a organização e mais visibilidade direcionada as outras letras da sigla (L, B e T); agrega-se aqui nesse exposto um aumento de núcleos, disciplinas, e grupos de pesquisa com o intuito de produzir conhecimentos, produzindo consequentemente maior quantidade de eventos científicos com temas pertinentes a Gênero e Sexualidade.

Para melhor entendimento sobre os termos a serem abordados neste trabalho, devemos abrir a sigla utilizada atualmente para se referir a comunidade LGBTQIA+ e assim analisá-la. Faz-se necessário considerar o ponto de que essa comunidade vive em constante transformação e evolução. A primeira sigla a ser comumente utilizada foi representada pela sigla GLS, incluindo nesta os gays, as lésbicas e simpatizantes. Com o avanço de outras formas de se entender a sexualidade e gênero, novas siglas foram englobadas. Assim temos o seguinte retrato.

Foi no ano de 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, que a letra “b”, de bissexuais, passou a fazer parte oficialmente da sigla, tal como foi onde ocorreu a conciliação de que a letra “t” passaria a referir igualmente aos indivíduos travestis, transexuais, e transgêneros dentro da comunidade. Posteriormente, a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se tornaria a denominação oficial, conforme aprovado pela I Conferência Nacional GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros)...Nos meios de militância, ainda surgem novas letras para representar novas homossexualidades, como o “i” de intersex, o “q” de queer e o “a” de agêneros e assexuados...e o “+”, que vem a indicar a possibilidade da inclusão de novas homossexualidades (BORTOLETTO, 2019, p. 10).

Sendo assim, segundo Bortoletto (2019) as letras presentes na sigla correspondem a identidade que a comunidade LGBTQIA+ carrega consigo, se completando. No processo de identidade temos uma sigla que não está construída de forma imutável, assim como a própria comunidade LGBTQIA+. “Se cada uma das letras representa uma vertente da comunidade, podemos concluir que cada vez mais novas vertentes, nascidas de novas experiências de vida, se aglomeram em volta dessa identidade geral” (BORTOLETTO, 2019, p. 12). À letra quando presente na sigla abrange o processo de identidade e pertencimento a comunidade, temos, portanto, uma pessoa pertencendo ao todo (a comunidade), com sua característica única, onde ao estar presente nessa comunidade se identifica com alguma das vertentes, imputando-se papéis sociais e políticos a partir dessa letra que o representa (BORTOLETTO, 2019). Outro ponto a ser englobado aqui refere-se ao termo correto de expressar o preconceito a essa comunidade, onde o ódio direcionado à população LGBTQIA+ por muito tempo nomeou-se de “homofobia” (BORRILLO, 2010 *apud* PEREIRA, 2016, p. 119). Temos que

O uso do verbo “nomear” no passado ocorre porque há uma tendência, cada vez mais assimilada pela militância brasileira, em adotar o termo “LGBTfobia” para expressar as violências dirigidas contra a população LGBT. Isso porque a palavra “homofobia” não abarcaria todas as identidades que compõem esse movimento social, reclamação feita em especial pelas lésbicas, travestis, transexuais e homens trans (PEREIRA, 2016, p. 119).

O interesse, mais especificamente no presente trabalho, esta direcionada à letra T (Transexuais, travestis e transgêneras). Iniciemos com a contextualização sobre a ideia de gênero e como esta se insere na concepção do ser humano como masculino ou feminino. De acordo com Louro (1997), a questão dos estudos sobre gênero foram ressaltadas na história pelos movimentos feministas, sendo estes cruciais para a compreensão linguística e problematização do conceito. Louro (1997) acrescenta a noção de que gênero se constitui sobre corpos sexuados, não sendo negada a questão biológica, entretanto, aplica-se a este ponto as construções históricas e sociais que contestam, simultaneamente, o ideal biológico, alinha-se a noção de que as desigualdades e preconceitos não se destacam a partir e pela diferenças biológicas, mas sim no arranjo da sociedade atual ao constituir tal tema, ao indagar suas performatizações e representações, portanto, as relações sociais atuam na construção do gênero e nos seus estereótipos (LOURO, 1997).



Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 7).

A noção de que não se nasce homem ou mulher é mencionado por Simone de Beauvoir em “O segundo sexo” (1949 *apud* GUIZZO e RIPOLL, 2015, p. 473), no qual apresenta que vão sendo ensinados atributos para que os sujeitos se tornem dessa ou daquela maneira. Partindo disso, é possível afirmar que gênero pode ser considerado como o produto de um “trabalho” cultural, da sociedade em sobreposição a biologia. Jeffrey Weeks (1999) *apud* Guizzo e Ripoll (2015, p. 473) trouxe a compreensão de que mesmo que nossos corpos sejam os lugares de exploração de nossas sexualidades, elas relacionam-se também com as ideias, fantasias, rituais, desejos, prazeres e imaginações que tendem a nos cercar e a se potencializar pelo pensamento.

Analisa-se ainda o gênero se constituindo como um ponto dentre outros na identidade de um sujeito, nos quais essa mesma identidade tende a ser diversa, múltipla e contraditória. Louro (1997) aponta que os sujeitos exercem sua sexualidade de diferentes formas, com diferentes parceiros, pertencendo ou não ao mesmo sexo, ambos os sexos ou sem parceiros/as. Os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero, essas identidades sexuais e de gênero estão inter-relacionadas, mas esta inter-relação não justifica que ambas sejam a mesma coisa (LOURO, 1997).

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (LOURO, 1997, p. 7).

Louro (1999 *apud* Madureira e Branco 2007, p. 82) faz um destaque interessante ao mencionar que para o senso da maior parcela da sociedade, é perfeitamente compreensível a mudança da identidade profissional ou identidade de classe social de uma pessoa, entretanto,

quanto a identidade de gênero e identidade sexual, o fator de mudança são considerados imutáveis, como dados que definem o que há de mais fundamental no sujeito.

Em a *Questão do Gênero* Caetano (2019) aponta sobre a mesma não ser uma “ideologia”, mas sim um fato social por meio do qual não apenas ocorre a produção de uma identidade, produz-se também hierarquias, desigualdades, se direcionando além do que a sociedade aponta como sendo o gênero verdadeiro de uma pessoa, como cada um de nós percebe a si, seguindo o exemplo temos as pessoas travestis e transexuais com a atribuição de gêneros que poderíamos denominar de transgêneros (CAETANO, 2019). “Essas formas de gênero autoatribuídas, sobretudo pelas pessoas travestis e transexuais têm sido nomeadas, portanto, de “identidade de gênero” (CAETANO, 2019, p. 9). De acordo com Colling (2015) *apud* Caetano (2019, p. 9) pesquisas mais recentes no campo dos Estudos de Gênero e das Sexualidades afirmam que independentemente de sermos pessoas travestis e transexuais, todos os indivíduos produzem seus gêneros, pela forma como se percebe cada um com seu meio, sendo também influenciado na forma como percebemos a nós mesmos, produzindo, desta forma, inúmeras possibilidades de se fazer masculino ou feminino. Os gêneros e suas concepções não são criados a partir do nada, as sociedades com suas normas denotam o que e quais são os gêneros possíveis e aceitáveis. É o que pesquisadoras/es e ativistas têm chamado de “matriz de inteligibilidade sexual” (BUTLER, 2014 *apud* CAETANO, 2019, p. 10).

É por isso que alguns tipos de masculinidade, como os homens que são extremamente educados para determinado grupo social e/ou localidade ou outros que não jogam futebol, por exemplo, têm sua masculinidade heterossexual posta em dúvida. Eles têm seu gênero colocado sob suspeita. É um tipo de masculinidade, essa a dos exemplos, que não é aprovada no exame de gênero criado pela sociedade. Mulheres que “trabalham fora”, sem filhos; mulheres líderes, chefes em seus trabalhos, todas elas também, em alguma medida, se distanciam e, por isso, são reprovadas no teste de gênero imposto pela sociedade heteronormativa. É uma feminilidade que vacila na visão da sociedade que regula e sanciona aquelas pessoas que se afastam de seus ditames. Esse tipo de entendimento sobre as relações de gênero e as sexualidades é baseado na norma sexual e de gênero vigente no Ocidente, que chamamos “heteronormatividade” (MISKOLCI, 2012 *apud* CAETANO, 2019, p. 19).

Notemos, portanto, como principal característica em nossa sociedade a ampliação das políticas públicas para a população LGBTQIA+, estando estas em constante

movimentação e persistência, entretanto, muito ainda tem a ser conquistado, visto que a destinação de recursos para essas políticas de direitos humanos depara-se até este tempo com muitas barreiras, influenciando na diminuição ou até mesmo negação das mesmas.

Com base nos pontos aqui destacados referente as conquistas e trajetórias da comunidade LGBTQIA+, podemos prosseguir com o desenvolvimento do presente documento, atribuindo a este reflexões que possam contribuir para um melhor entendimento sobre o pertencimento e presença destas pessoas em nossa sociedade.

## **2. OBJETIVO**

O objetivo do presente trabalho é analisar a interface entre Crianças Transgêneras - Educação e Sociedade, a partir das pesquisas que tenham relação com a temática, selecionadas da plataforma CAFe CAPES. Tendo em vista a importância do amparo e do entendimento que deve ser construído sobre o assunto, quando o mesmo está inserido e modificando o espaço da sociedade brasileira vigente, busca-se problematizar e refletir como vem se desenvolvendo o direito e pertencimento dessas crianças na educação, as conquistas, as perdas, o direito de existir, se desenvolver, e persistir na totalidade.

Objetivos específicos:

1. Analisar, de forma preliminar, a partir dos artigos selecionados:
  - a. estudos sobre o cotidiano de pessoas transgêneras,
  - b. estudos sobre as trajetórias escolares destas pessoas,
2. Sistematizar as características dos artigos selecionados, de forma a obter uma visão geral da produção sobre a temática na plataforma pesquisada.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir dos escritos e obras selecionadas do filósofo e pesquisador Michel Foucault, farei no presente capítulo uma análise com o intuito de expressar ideias e compor algumas hipóteses sobre uma noção de mundo no qual estamos inseridos. Será que nossa sociedade alcançou mudanças importantes referente ao tabu do corpo, do direito da vida e da liberdade quando estes estão direcionados às crianças? Que movimentos tendem a fortalecer as pressões sobre esses corpos, vigiados e tomados por blasfêmias contra sua carne?

Se nos atentarmos sobre a história da sexualidade teremos na era vitoriana uma nova forma de se debruçar sobre esta, recolhida para dentro de casa, fazendo-a valer-se pela família e por ela apreendida a fim de moldá-la (FOUCAULT, 1976). Seria a sexualidade assunto apenas para os interesses da procriação, reprodução e bem sagrado guardado por Deus? Se somente a ele se deve satisfações, ainda pós-morte, o segredo dessa sexualidade deve-se, portanto, ser mantido em escuridão, ou ser retirado a força do corpo-mente?

Falar de sexo e garantir seu espaço revisita um processo político na busca por sua legitimidade. Ao analisar Foucault (1976) temos que nossa civilização foi a única “em que certos prepostos recebem retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre seu sexo: como se o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta” (FOUCAULT, 1976, p. 13).

Estaria então presente à ideia de uma vontade de saber sobre a sexualidade alheia escondida na máscara da preocupação e moralidade? Temos que a formação da sociedade, principalmente no ocidente, passou por uma forte tendência catolicista junta ao ato da confissão, a noção do homem pecador, devedor de justificativas, entregue ao pecado e ao ato de retaliá-lo, de contestar cada um de seus desejos. A partir de tal contextualização do sexo e do corpo, estes estiveram, na verdade, mais presentes do que imaginamos. Nasce ainda no século XVIII uma necessidade em se quantificar o sexo. A essa ideia política, científica e biológica novos fatores são atribuídos na fiscalização do sexo a fim de se falar do sexo não atrelado ao seu ser ilícito ou lícito, mas o de inseri-lo em um sistema útil, levando-se em conta questões como natalidade, precocidade, frequência do sexo e outras práticas que o envolve. Nesse cenário temos o olhar do Estado voltado aos cidadãos, relação entre Estado e população, troca de discursos (FOUCAULT, 1976).

Nos atentemos a nos direcionar sobre os expostos, ao falar do sexo das crianças, Foucault (1976) traz reflexões sobre o desaparecimento e liberdade em se falar de sexo no

diálogo entre adultos e crianças, mas essa realidade está voltada a não se falar menos do sexo como se era esperado, mas destinar os discursos deste a outras pessoas, para ser utilizado estrategicamente. O autor menciona os colégios do século XVIII, nos quais se imagina que não se falava sobre o sexo, mas ao analisarmos sua estrutura arquitetônica, regulamentos e sua organização, teremos continuamente um estado de visão sobre o sexo e sua escuta.

Ao nos debruçarmos sobre a obra *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1975) e ao relacioná-la com a história da sexualidade (primeiro volume, publicada em 1976) temos que o espaço da escola, o arranjo das salas, pátios e outros espaços, estão expressamente ligados ao ato da vigilância, incluindo os olhares desta sobre a sexualidade, artigo fundamental de discussões pertencedoras ao problema público, incluindo uma relação entre médicos, professores e outros. Como argumenta Foucault, a instituição pedagógica não impôs um silêncio geral sobre o sexo de crianças e adolescentes, mas sim desde o século XVIII concentrou as formas de discurso sobre esse tema, estabeleceu diferentes pontos de implantação e qualificou aqueles que podiam disto falar. Dessa forma, falar sobre sexo com as crianças implica envolvê-las em uma teia discursiva na qual são tanto o público-alvo quanto o objeto da fala.

Foucault (1976) nos mostra que do século XVIII ao século XIX, a medicina e a psiquiatria entram em campo na procura de justificativas para questões ("extravagância", "fraudes contra a procriação", "perversões sexuais") relacionadas ao sexo, ou a que a ele deveriam ser relacionadas. O autor atribui também a justiça penal, como não isenta de ocupar-se da sexualidade, ao trazer à tona os crimes crapulosos e perversos. Nasce de todas as áreas de pesquisa e instâncias da sociedade uma forma de controlar o corpo social dos indivíduos, em uma busca de filtrar a sexualidade de todos, principalmente dos adolescentes e crianças que poderiam estar em perigo, devendo-se então protegê-los do perigo, anexando em suas peles diagnósticos, relatórios, discursos sobre a sexualidade na busca de sua incitação perante a fala. Proteger ou se intrometer? Proteger para se intrometer na mente daqueles que ainda inacabados em suas ideias e posicionamentos permeiam sobre a vigilância desnecessária em sua formação como indivíduo, aplicando-lhes imoralidades quando nem mesmo existe tempo para se defender ou entender o que seria a significação de palavreados atentados, como "viadinho", "menininho ou menininha" entre tantos outros termos usados para menosprezar e ao ato do abuso da fala e da correção descabida.

Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciárias das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da

infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação: isso não equivaleria a buscar meios de reabsorver em proveito de uma sexualidade centrada na genitalidade tantos prazeres sem fruto? Toda esta atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (FOUCAULT, 1976, p. 37 e 38).

Como abordado em “A História da Sexualidade - A Vontade de Saber (FOUCAULT, 1976)” a explosão do discurso nos séculos XVIII e XIX provocou duas grandes modificações. A primeira foi uma autonomia do direito de reserva à relação monogâmica heterossexual, sua legitimidade, com direito à discricção. Em compensação, o que vai se tornar interrogado é a sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo. Estas personas, antes entrevistadas, agora têm de confessar o que são, são escutadas; interrogadas; sendo assim a sexualidade regular o será a partir do enaltecimento tendencioso das sexualidades periféricas. Cabe lembrar aqui a resistência encontrada pela Psicanálise quando Freud (2011)<sup>1</sup> publicou suas Conferências Introdutórias destacando o papel da sexualidade infantil no desenvolvimento humano. Mesmo que em sua obra a criança seja entendida como um perverso polimorfo a partir de uma sexualidade parcial expressada por ela, não se considera esta sexualidade como desviante, pelo contrário, como desejável ao bom desenvolvimento.

Atentem-se às crianças espertas, educadores duvidosos, maníacos, aqueles solitários e os transeuntes com impulsos ademais estranhos, a estes vem a mão da disciplina, a correção, a penitência, os tribunais e asilos; aos cuidados dos médicos sua infâmias e ao dos juízes suas doenças. “No decorrer do século eles carregaram sucessivamente o estigma da "loucura moral", da "neurose genital", da “aberração do sentido genésico”, da "degenerescência" ou do "desequilíbrio psíquico" (FOUCAULT, 1976, p. 41).

---

<sup>1</sup> Não abordaremos aqui a posição freudiana sobre a homossexualidade e outras formas sexuais que considerou como `superáveis` pela posição genital em 1905 e foram modificadas ao longo de sua vida culminando com uma carta escrita por Freud em 1935 em que afirmava que a homossexualidade não é uma doença como passou sendo tratado por certos psicanalistas da época, já que assim como vemos na obra de Foucault, Klein, Winnicott, Deleuze, Guatarri, Calligaris e outros, esta posição está circunscrita a um tempo e espaço ao qual Freud pertencia, não sendo mais adotada por grande parte dos psicanalistas e pelo debate sobre a sexualidade atualmente.

Os períodos aqui anteriormente destacados trazem uma ideia de busca do controle da sexualidade infantil. A junção de médicos e pedagogos contra o onanismo<sup>1</sup> infantil foi um ponto enaltecido por Foucault (1976), onde o mundo adulto apoiou o desbravar dos prazeres, mas também apoiou o segredo dos mesmos para melhor explorá-los na confessionalidade, atribuindo-lhes efeitos, enaltecendo os processos de vigilância, codificando a pedagogia e implantando todo um aparato-sexual no ambiente familiar, na busca de se lutar contra o vício na infância ao relacionar tais atos com o mal a ser eliminado.

Temos em nossa sociedade um preconceito ao indivíduo LGBTQIA+ sempre atribuindo suas ações e personalidade ao seu passado, à infância, atribuindo tudo o que são a suas sexualidades, suas condutas, portanto, nela se espelham, são inscritos sobre uma moralidade de falta de pudor, sendo seus corpos um segredo sempre traído e insidioso. O poder apela e extrai seus pontos desejáveis, prazer e poder se unem, se cercam, incitam esse prazer das sexualidades para estas serem vigiadas, questionadas, fiscalizadas, prazer em poder controlar. Vem-me uma ideia de se enaltecer a perversidade na destinação de mais uma característica social que pode servir de controle na mão do poder, como aponta Foucault (1976), serve de instrumento para isolar e intensificar as sexualidades periféricas medindo seus corpos e condutas. Proliferação das sexualidades para extensionar o poder, atribuir lucros ao processo medicamentoso, psiquiátrico, prostituição e pornografia. Estaríamos, portanto, dentro da quimera capitalista fadados a exercícios economistas sobre nosso próprio corpo sexualizado? Assim, Foucault (1976) nos traz uma visão de que a sociedade industrial em sua realidade ocasionou uma explosão das sexualidades heréticas, foi capaz de proliferar prazeres e formas de sexualidade, contrapondo-se a ideia de que teríamos e/ou estejamos passando por um processo unicamente repressivo. O mesmo alfineta ao argumentar que

É preciso estar muito iludido com esse artil interno da confissão para atribuir à censura, à interdição de dizer e de pensar, um papel fundamental; é necessária uma representação muito invertida do poder, para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente. Imensa obra a que o Ocidente submeteu gerações para produzir — enquanto outras formas de trabalho garantiam a acumulação do capital — a sujeição dos homens, isto é, sua constituição como "sujeitos", nos dois sentidos da palavra (FOUCAULT, 1976, p. 60).

---

<sup>1</sup>Onanismo: sensação de prazer sexual causada pelo estímulo aos próprios órgãos genitais.

Desde os tempos do protestantismo, da Contra Reforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, a confissão perdeu sua natureza ritualística e exclusiva. Ela se disseminou e passou a ser utilizada em uma variedade de relações, envolvendo crianças e pais, alunos e educadores, pacientes e psiquiatras, delinquentes e especialistas. Anexa a tal ideia a ciência da confissão, uma nova ciência baseada na extorsão do confesso, uso do discurso científico, agora não é só o escondido nas entrelinhas, escondido pelo sujeito que merece uma análise, mas sim algo que se esconde ao próprio sujeito, que aparece ao ser confessado, arrancar a força o escondido, por meio, por exemplo, de intervenção terapêutica, atribui-se o patológico que serve de base para outras doenças, tendências e condutas (FOUCAULT, 1976).

Foucault (1976) nos traz que se a sexualidade passou a ser esse objeto de conhecimento, foi no ato do poder em tomá-la como alvo, investindo sobre ela técnicas de saberes e procedimentos discursivos. A criança vigiada torna-se um “foco local” do poder-saber. Entretanto, nesse jogo de saber e poder, curiosamente aponta-se uma reviravolta do século XIX, onde antes o educador e o médico adjunto aos pais atribuíam olhares e características ao sexo da criança, mas agora na relação com a psiquiatria adjunta à criança, foi a sexualidade dos adultos que começou a ser questionada. Vigiar agora a família e sua formação se faz cabível, incluindo estas num jogo de julgamento. Ainda, como apontado pelo autor, adentra-se a formação familiar como suporte mecanicista de ideias populacionistas, natalidade, medicalidade e psiquiatria das formas não genitais. Há também que se comentar a intencionalidade dos discursos, para diferentes estratégias, na produção de poder e de ir contra ele, onde o silêncio e o segredo dão laços, mas também afrouxam os jogos sociais.

O que vemos acontecer é um processo no qual no século XVII os dispositivos da sexualidade primeiro desenvolvidos nas margens das instituições familiares vai moldando-se e adentrando na família em sua totalidade, agravando discursos sobre educação familiar, pública ou privada, atribuindo novas características as ambivalências de personagem, entra em cena a mãe indiferente com obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, a jovem histérica, a criança precoce e esgotada, a homossexualidade e a recusa do sexo oposto, dentre outras que irão fortalecer um sistema de aliança dentro do poder. Expande-se um conhecimento acerca da hereditariedade da doença, ainda mais psíquicas, a formação da perversão, a degenerescência, que juntas formam novas tecnologias do sexo, que fortalecem tendências preconceituosas de poder com diversos efeitos. Entretanto, aponta-se uma mudança na psicanálise no final do século XIX e em uma possível ruptura com a degenerescência, e busca do instinto sexual (FOUCAULT, 1976).



Foucault (1976) comenta sobre o nascimento da problematização da sexualidade infantil na família burguesa, nela medicalizada, principalmente ao se tratar da sexualidade feminina, busca de vigiá-la, buscar a psiquiatria do sexo, desta forma parece-se uma ideia de machismo institucional e dimorfismo sexual forçado ao agravar a mulher nos parâmetros mencionados. Sendo assim, a burguesia começou considerando que o seu próprio sexo era coisa importante, segredo de conhecimento indispensável, onde a criança rica poderia comprometer as capacidades intelectuais, tendo o dever de conservar para sua família uma descendência sadia. Se analisarmos as estruturas familiares atuais, ainda jogamos nas crianças e adolescentes a pressão sobre a necessidade em assegurar a descendência, poder-se-ia ser um ponto contra aqueles que negam sua sexualidade, seu corpo como tal concebido no nascimento, impedindo de se manifestar a transexualidade se esta for desejada. O sexo foi submetido à saúde, à descendência, sua diferença e hegemonia, ao se afirmar o corpo afirma-se a consciência de classe, pelo menos no século XVIII como analisa Foucault (1976), a burguesia converteu o sangue azul dos nobres em uma sexualidade sadia; alfineta ainda “compreende-se por que levou tanto tempo e opôs tantas reticências a reconhecer um corpo e um sexo nas outras classes — precisamente naquelas que explorava” (p. 119).

Portanto, o sexo funciona como disputa política, encontrando-se articulado nas disciplinas do corpo ao qual garantem ajustamentos, e na regulação populacional no ato e efeito de induzir, ordenar, controlar, não apenas ao nível regional, mas global (FOUCAULT, 1976). Ao termos o processo da sexualização da criança temos como produto a ameaça epidêmica, assim descrita pelo autor, do futuro dos adultos, da sociedade, necessitando-se da medicalidade dos corpos, olhar minucioso ao papel das mulheres, jogando nestas a responsabilidade da saúde dos filhos, pregando uma certa necessidade de equilíbrio da instituição familiar como a salvadora da sociedade. Traz-me mais uma vez, em torno de tal argumento, a ideia de uma sociedade patriarcal que, por autores como Foucault, foi contestada, mesmo que nas entrelinhas, e é contestada ainda atualmente.

Na sexualidade, encontra-se a norma, o saber, a atribuição da disciplina, as manifestações, no adulto o sexo da criança escondido, um jogo de causalidade em anular o sexo do adulto, onde como comentado por Foucault, na medicina do século XVIII e XIX se supõem a precocidade sexual, a esterilidade, a impotência, a incapacidade do prazer e anestesia de sentido à culpa e aparecimento do fetichismo, dos desvios, atrelando o instinto e a inadequação biológica nos seres humanos. Alfineta-se Foucault ao destacar Freud como responsável de atribuir estratégias de saber e poder sobre o sexo, colocando-o em discurso e mesmo que em sua época tenha sido um rompimento com o saber burguês da criança pura e

intocada, trouxe consequências ao propor um caráter evolutivo à sexualidade, relegando às perversões os desvios da norma presente em seu tempo. Ao sexo evoca-se o desejável, as habilidades de extrair a verdade, culpando-nos da falta de deter conhecimento, e de alcançar agora sua fonte inesgotável na busca pela verdade, da confissão mais pura. Confessa-se então a criança afeminada e diferente, diga-me porque tens determinados hábitos, como anda sua criação, quem por ti é responsável, que tem eu de haver? Como futuro educador, seria de tamanha necessidade a minha invadir o espaço dos corpos alheios, ou esperar que estes ao sucumbirem nos olhares e falas, vir, se somente vir, a minha pessoa pedir exílio, devo só então aí me preocupar?

Ao atrelar ainda, mais uma vez a intencionalidade do discurso e o seu poder, como nas obras citadas anteriormente, foi observado e ainda discorrido também na obra “A Arqueologia do Saber” de Foucault publicada no ano de 1969, que temos a língua juntamente com as indagações do homem servindo para a postulação dos discursos, sendo estes discursos atrelados a pontos positivos ou negativos, assim denominados dependendo da intencionalidade, sendo direcionados a um ser, mas seja qual for o objetivo deste discurso ele tem um potencial de existir e de ser visto, portanto, mesmo que no jogo do poder, os discursos LGBTQIA+ nas suas demasiadas esferas, podem tanto estar favorecendo-o quanto também valendo de sua existência para aqueles que desfrutam de ideias totalmente atribuídas ao poder do fascismo e conservadorismo. A meu ver, mesmo que fadado a piora, sendo este inevitável na falta do discurso, que ele ocorra então, que exista e persista mesmo que estejamos todos mergulhados na roda da maquinaria do sistema. Como vemos a história discursiva da transexualidade? Se observamos que a diferença não traz riscos à hierarquia do poder atual, não se teria necessidade de atormentá-la, já que mais uma vez não haveria o perigo, mas caso traga riscos para a estrutura atual, talvez dos direitos destes, então se fazer valer dela continuamente é um ato necessário para garantir a existência. Se não se fala, não existe.

Vejam os a partir da obra “Vigiar e Punir” de Michel Foucault (1975) mais alguns pontos. Tal obra nos traz novamente a ideia de um corpo presente no campo político, no poder agindo sobre o corpo marcado, no seu investimento, direção, servindo de meio para o poder de saber mais uma vez, portanto, submetidos a intencionalidade de classes. Aos corpos desviantes, entretanto, os diferentes, nasce um processo de punição, esta pode ser garantida pelo ato de vigiar o comportamento, o cotidiano, vigiar identidades, etc. Poderíamos atrelar mais uma vez a vigia sobre a infância e seus corpos no ambiente escolar, se se busca a inexistência de uma característica julgada improdutiva e duvidosa, deve-se punir o suficiente para impedir que esta ocorra e prolongue-se a outros. Na escola tal feito pode ser alocado

pelos adultos sobre os pequenos corpos. Referentes aos instrumentos que garantem uma padronização desejada, teremos na escola, esquemas de limitação, sinalização e coerção, Foucault nos traz alguns exemplos como, a distribuição do tempo, o respeito aos horários, atividades esquematizadas e regulares, trabalho em comum, enfim, o que se considera bons hábitos, na busca do sujeito obediente.

Permeia, como já suscitado em “História da Sexualidade - Vigiar e Punir” o jogo da disciplina, Foucault descreve a arte da disciplina como uma arte perante o corpo humano, buscando o aumento de suas habilidades, a formação de uma relação mecanicista, mais obediente mais útil. Nasce para assegurar esse exposto o que o autor chama de política das coerções, para os gestos, os comportamentos, se pensando sobre a política das coerções tivermos corpos que tentam fugir a algumas das normas encontradas principalmente nas “minorias”, pode ser previsível, portanto, o apagamento destes, trazendo a angústia do ser.

O colégio nasce com a disciplina atribuindo os processos organizacionais, como as filas, os arranjos, localizando cada corpo, ela os individualiza, mas também distribui, mistura, separa os indivíduos por idade, tamanho, comportamento, desempenho, ocasionando todo um deslocamento, se aqueles que geram problemáticas passam por episódios de melhora, traz o mérito, e junto dele a hierarquia. Como apontado por Foucault (1975) ao se determinar os arranjos, do individual ao simultâneo, uma nova economia de tempo sobre a aprendizagem foi adquirida, transformando o espaço escolar em um espaço de ensino, vigia e recompensa. Apresenta a ideia da prática disciplinar como componente de enaltecer o singular e, ao mesmo tempo, o múltiplo desejável. Enaltece-se o controle disciplinar não apenas em sua feição de definir os gestos, mas de impor uma relação proveitosa do gesto com a atitude global do corpo.

No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica — uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador (FOUCAULT, 1975, p. 178).

O sistema educacional conseguiu atribuir ao corpo mecanismos de poder-saber, torna-se espelho da sociedade, divide o tempo, as “inteligências” em diferentes níveis, o tempo deve ser aproveitado da melhor forma, assim como na sociedade industrial capitalista, na escola não seria diferente. Atrela-se a sinalização para condicionar o corpo, como em

constante treinamento, pouca fala, quietude e silêncio. Silenciamento de todos os corpos em formação que necessitam de seu espaço para sua representação. Foucault (1975) ao analisar os centros onde ocorre o processo disciplinar, questiona inclusive a arquitetura dos mesmos, essa atribuída em toda uma construção que permita a vigilância, agindo sobre quem abriga, que vai se difundindo a abertura e maior transparência, mas estando estas atreladas a ideia de controle, portanto, a ideia permanece, no mais, aumenta em proveito. A vigilância faz da escola um sistema de relações tendenciosas, perpetuando o desejável, aquilo que foge à norma, como atrasos, desatenção e negligência, assim como nas prisões, sofre uma penalidade, quando atreladas a sexualidade passa pelo julgar da indecência. Não seria de grande peso aplicar tal palavra a um corpo que apenas busca autenticidade pelo direito de ser, só querer ser e expressar? A essa penalidade o autor ainda denota a mesma como maneira de gerir ilegalidades sociais, de fazer pressões, tolerar, neutralizar e tirar proveito de uns perante outros, já que ocorreu o erro à tona, ela não só reprime como diferencia e escala em graus as ilegalidades, agrega-se a dominância.

Foucault (1975) atrela comentários aos exames, estes periódicos e constantes, para funcionarem como meio de validar o saber, pedagogia da ciência examinatória. Tal ação possibilita o sujeito analisável, descritível, a fim de manter seus traços singulares, mas também aqueles desejados em grupalidade, do ponto de vista do autor tal fenômeno estende-se do micro ao macro (global). Em relação ao adulto, uma vez individualizado, pergunta-se a ele o que ainda existe de criança. O processo de individualizar para agrupar pode ser também o ato de individualizar para excluir

O asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, o estabelecimento de educação vigiada, e por um lado os hospitais, de modo geral todas as instâncias de controle individual funcional num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (louco não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante (...)) (FOUCAULT, 1975, p. 223).

A escola cristã, para Foucault (1976), não forma apenas crianças dóceis, deve garantir a vigilância dos pais (familiares), informar-se dos costumes e recursos. A escola acaba por funcionar como um observatório social, uma criança mal comportada cai em pretexto. Existe algo a mais, as crianças podem cair no risco do julgamento antes mesmo de

abrir seus olhos dentro da instituição, qual a origem da sua família, tem pai e mãe ou dois pais / duas mães? Onde mora, qual sua condição financeira, como são suas vestes. Tais fatores podem ser utilizados no discurso, inclusive para deslegitimar o corpo da criança em foco.

Teremos no século XIX as disciplinas como fonte de uma visão tecnológica, que não serviu apenas para organizar o desorganizado, os estabelecimentos graças a disciplina podem valer-se de instrumentos de sujeição, fonte de conhecimentos possíveis, afina-se o laço do poder atribuído aos novos conhecimentos (FOUCAULT, 1975). Nas formas de entrevistas e consultas nas prisões, hospitais e escolas, vê-se os mecanismos da disciplina, como atribuído pelo autor. A psicologia encarrega-se de corrigir o rigor escolar, a entrevista médica e psiquiátrica encarrega-se de retificar os efeitos da disciplina no trabalho, mas tais técnicas apenas dirigem os corpos de uma instância disciplinar à outra, formalizando o poder. Estaríamos na utopia da liberdade privado de liberdade? Sendo esta uma idealização básica ao corpo sobre um espaço, como mencionado por Foucault em “Vigiar e Punir”, essa liberdade que é um bem universal, ao ser perdida teria o mesmo peso para todos, o “castigo igualitário”. Poderíamos atrelar Foucault ao destino de tantas pessoas transgêneras que quando alcançam a idade adulta sua única forma de sustento seja a prostituição? Ao analisar-se a história da delinquência, ilegalidade dominada, Foucault traz um referencial ideológico do século XIX no qual as redes de prostituição acabam por cair nos olhos de controle da polícia e da saúde, uma hierarquia planejada cuidadosamente, o enquadramento da delinquência, faz valer de lucros sobre o prazer sexual, que no processo de moralização social voltava-se ao clandestino, no lucro da sexualidade reprimidas, do tráfico em suas demasiadas formas, denotam uma maneira de delinquência útil, trajada de proibição legal, porém, em torno desta cria-se também as práticas ilegais, onde se exerce o controle, o lucro ilícito mediante elementos ilegais manejáveis por seu aspecto delinquente. A fiscalização populacional e a vigilância às escuras torna-se um aparato ao governo sobre a cidadania, sendo, quando necessário, atribuir-lhes a coerção (FOUCAULT, 1975). A quem deve-se vigiar, o vigiado impuro, o diferente, a margem, estes leva em suas mãos a desordem, cabe ao poder carcerário punir o que seria anormal, atribuir a essas anormalidades as crianças LGBTQIA+, não é apenas ferir a estes seus sentimentos, é direcioná-los as redes de coerção, do perdão pastoral, da súplica, a fim de retomar o limiar entre conservadorismo e negacionismo.

Lembra-se Foucault de que a grande tacada do poder carcerário não foi a formulação da prisão, mas sim o ato de naturalizar o poder de punir, baixar a tolerância à penalidade. Ela fortificou a relação poder-saber na ciência do homem, este agora analisado, observado e

dominado, já sua individualidade e consciência no fim de tudo pouco importa (FOUCAULT, 1975).

Diante de todo o aparato selecionado, todas as indagações e reflexões agregadas pelas obras de Foucault, podemos assim seguir com a intencionalidade da pesquisa, nos debruçarmos sobre outros escritos que deem uma iluminação ao espectro das lutas, vivências e de como nossa sociedade se forma e se reconstrói perante as lutas e movimentos da comunidade LGBTQIA+, principalmente ao nos referirmos as crianças, estando estas adjuntas a essa comunidade, nela representada, e estando inseridas diretamente no âmbito social quando estas se encontram dentro de nossas instituições educacionais. Como se encontra o cenário destes dentro das escolas brasileiras? Seus direitos vêm sendo violado ou respeitado? Quais abordagens são tomadas por toda gestão educacional ao se deparar com essas crianças dentro da instituição? Assim avancemos com a temática “Crianças Transgêneras - Educação e Sociedade” agregando os resultados e discussões a partir da seleção de artigos retirados da plataforma CAFE CAPES no ano de 2022.

#### **4. METODOLOGIA**

A metodologia, ao compor uma pesquisa, nos direciona a pensar no ato de apreensão da realidade, levando consigo uma visão social de mundo ligada a uma teoria de base adotada pelo pesquisador. Nesse processo de apreensão e compreensão da realidade nos deparamos com as concepções teóricas e o alcance de respostas ao objeto de estudo (LIMA e MIOTO, 2007). “É a metodologia que explicita as opções teóricas fundamentais, expõe as implicações do caminho escolhido para compreender determinada realidade e o homem em relação com ela (MINAYO, 1994, p. 22 *apud* LIMA e MIOTO, 2007, p. 39)”. Assim, pode-se considerar a metodologia como uma forma de discurso que apresenta o método escolhido como lente para o encaminhamento da pesquisa.

O primeiro passo se caracteriza pela escolha de determinada narrativa teórica que veiculará a concepção de mundo e de homem responsável pela forma como o pesquisador irá apreender as condições de interação possíveis entre o homem e a realidade. Significa que existem diferentes modos de entender a realidade, como também há diferentes posições metodológicas que explicitam a construção do objeto de estudo, a postura e a dinâmica que envolvem a pesquisa, dando visibilidade aos movimentos empreendidos pelo pesquisador nessa direção (LIMA e MIOTO, 2007, p. 39).

O presente trabalho tem como base o desenvolvimento de uma pesquisa fundada no processo de análise documental e pesquisa bibliográfica a partir de uma perspectiva qualitativa, os quais auxiliam na apropriação e aprofundamento do objeto de estudo. A partir do pressuposto apresentado, realizou-se um levantamento nas bases de dados acadêmicas CAFe Capes, buscando por publicações sobre a temática, selecionando todas de interesse publicadas até o ano de 2022<sup>1</sup>, sendo 67 artigos publicados e selecionados. A busca foi realizada a partir dos descritores: transgêneros escola, escola LGBTQIA+, educação transgênero, crianças e adolescentes LGBTQIA+ , crianças transgêneras, ocorrendo entre os dias três de Julho a vinte e dois de Agosto de 2022.

Referente a pesquisa bibliográfica, de acordo com Lima e Miotto (2007) ela pode aparecer como revisão de literatura ou revisão bibliográfica, mas acrescenta-se a compreensão de que a revisão da literatura seria um dos pré-requisitos para a realização de uma pesquisa. A pesquisa bibliográfica necessita de um conjunto de procedimentos na busca de se entender e desenvolver uma problemática e procura por soluções, portanto, não pode ser realizada e desenvolvida de forma aleatória. Acrescenta-se a ideia de que a pesquisa bibliográfica em seu objeto de estudo está mergulhada na realização de sucesso de uma pesquisa qualitativa, tal ponto envolverá em seus dinamismos a ligação entre contextos históricos, consciência histórica e o aprofundamento da ideia de identidade com o sujeito, sendo intrínseca e extrinsecamente ideológica, dentre outros pontos. Assim, o desenvolvimento de uma pesquisa faz parte de um processo de indagação e reconstrução da realidade, entretanto, atenta-se ao fato de que é impossível descrever a realidade com fidedignidade exata (LIMA e MIOTO, 2007, p. 39).

A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994 *apud* LIMA e MIOTO, 2007, p. 40).

No processo de pesquisa bibliográfica etapas devem ser empregadas, como, por exemplo

---

<sup>1</sup>Cabe ressaltar que o levantamento de dados foi realizado apenas no ano de 2022 (onde foi desempenhado a primeira parte da presente monografia), neste ano (2022) 10 artigos foram selecionados para compor o corpo do documento, estando estes datados entre o ano de 2012 a 2022.

- Levantamento do material bibliográfico: “Refere-se à classificação do material selecionado como fonte de pesquisa como, por exemplo, os livros, coletânea de textos, teses, dissertações e periódicos (LIMA e MIOTO, 2007, p 42)”.
- Teste do instrumento para levantamento das informações: “Selecionado o material bibliográfico e construindo o instrumento para monitorar as leituras, essa etapa permite o levantamento das informações (LIMA e MIOTO, 2007, p 43)”. Para a validação do instrumento construído, é importante a realização de um teste com algumas das obras selecionadas, avaliando a eficiência do roteiro de leituras de modo a ampliar seus campos de investigação.
- Levantamento das informações: Essa etapa pode ser apresentada conforme a classificação realizada para o material bibliográfico (teses e dissertações, livros, periódicos). Apoia-se no percurso de investigação das soluções, passa-se à exposição ordenada dos dados obtidos, ou seja, ao momento de análise explicativa das soluções apresentadas (LIMA e MIOTO, 2007, p. 43)”.
- Análise explicativa das soluções: “(...) é construída a partir dos dados obtidos nas obras selecionadas, conforme a metodologia proposta e baseada no referencial teórico construído para a pesquisa (LIMA e MIOTO, 2007, p. 43)”.
- Síntese integradora das soluções: “Consiste na fase de reflexão e de proposição de soluções, baseada no material de estudo que compôs a pesquisa (LIMA e MIOTO, 2007, p. 43)”.

Sobre os eixos temos a análise documental sendo “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos (SÁSILVA, ALMEIDA e GUINDANI, 2009, p. 5 *apud* JUNIOR, 2021, p. 37)”. Como expressado, a Análise Documental pode ser desenvolvida a partir de fontes diversas, contendo documentos variados, não somente o texto escrito, incluindo-se dentre eles, leis, fotos, vídeos, jornais, etc. Ao analisar tais documentações conforme os interesses de pesquisa, pode-se definir se os mesmos serão de fato pertinentes para a pesquisa, consoante o interesse somado ao objeto estudado e o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa em conjunto. Temos, portanto, que:

Em uma pesquisa científica que realiza tendo como fonte de dados documentos diversos, três aspectos merecem atenção especial por parte do



investigador: a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise. Ao eleger os documentos, o pesquisador deverá se atentar aos processos de codificação e análise dos dados. Para isso, faz-se necessário que ele mantenha o foco sobre um determinado aspecto do estudo realizado e busque entender em profundidade a mensagem que os dados dispostos nos documentos revelam (JUNIOR, 2021, p. 44).

Apoiado sobre a metodologia escolhida e seus desmembramentos, nos direcionamos a possibilidade de escolha de materiais ricos em conteúdo que possam, dessa forma, contribuir para o aprofundamento do tema do presente trabalho, e assim agregar concordâncias e controvérsias sobre os textos, artigos, e demais materiais desenvolvidos até o momento, levando-se em consideração as fontes escolhidas e desejadas.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de melhor analisar e desdobrar o conteúdo presente em cada artigo, foi seguido o percurso metodológico proposto por Lima e Miotto (2007), onde este possibilita um olhar minucioso sobre cada documento, proporcionando um esquema de leitura de pinça sobre os temas, conceitos e considerações importantes (LIMA e MIOTTO, 2007). Cada artigo foi decomposto em tópicos desejados para a análise, permitindo a identificação de cada obra, sua autoria e temática, agrupando-os de acordo com suas semelhanças, destacando as tendências e perspectivas de cada obra. Segue-se adiante o intento de compreender os processos de interação e educação de escolares transgêneras, seguindo a investigação em unidades de significação de cada artigo, sua categorização, um olhar direcionado do micro ao macro de cada estudo, a fim de atender as necessidades do tema. Tendo como uma das bases a pesquisa da autora Regina Barbora (2022), a qual proporcionou pontos desejáveis para a construção dos resultados. Adiante, seguimos a interpretação, e o quadro (1), destaca os critérios adotados para seleção de artigos pertinentes ao tema.

Quadro 1 – Panorama do recorte bibliográfico

<b>Parâmetros</b>	<b>Seleção</b>
<b>Bases de dados</b>	Comunidade Acadêmica Federativa Capes (CAFe Capes) - com acesso à base de dados do Periódicos Capes.
<b>Fonte</b>	Artigos publicados em periódicos revisados por pares.

<b>Parâmetros</b>	<b>Seleção</b>
<b>Período</b>	2022
<b>Descritores</b>	Transgêneras escola Escola LGBTQIA+ Educação transgênera Crianças e adolescentes LGBTQIA+ Crianças transgêneras
<b>Critério de Seleção</b>	Busca por palavra-chave no título ou resumo.
<b>Critério de análise</b>	Leitura e análise sistemática das informações.

Fonte: Elaborado de acordo com Lima e Mioto (2007)

Considerando os critérios expostos acima, foi possível o acesso a 67 artigos na plataforma CAFe Capes, com o descritor: transgêneros escola = 31 artigos; com o descritor: escola LGBTQIA+ = 2 artigos; utilizando o descritor: educação transgênera = 27; crianças e adolescentes LGBTQIA+ = 1 e com o descritor: crianças transgêneras = 6.

Em relação ao volume de material encontrado a fim de compor essa pesquisa, na tabela 1, a seguir, demonstramos os mesmos, observa-se os resultados obtidos em termos quantitativos, o total de artigos encontrados na base pesquisada, os selecionados conforme a demonstração de possível ligação ao tema da pesquisa por meio da leitura do título e resumo, e os selecionados de fato para compor o presente trabalho por demonstrar tal aderência (10 artigos).

Tabela 1 - Comparação quantidade de artigos encontrados e os selecionados.

<b>Artigos</b>	<b>Total</b>
<b>Total encontrado</b>	1075
<b>Total selecionado</b>	67
<b>Total selecionado na área específica</b>	10
<b>Total de artigos</b>	1152

A partir dos artigos selecionados especificamente para o presente estudo, a tabela 2

a seguir, informa o número de produção nos periódicos analisados, destaca-se “Research Society and Development” (2 artigos).

Tabela 2 - Quantidade de artigos específicos selecionados, por periódicos e ano de publicação

Periódico	Transgêneras escola	Escola LGBTQIA+	Educação transgênera	Crianças e adolescentes LGBTQIA+	Crianças transgêneras	Ano de Publicação
Periferia (Educação, Cultura e Comunicação)	0	0	1	0	0	2012
Horizontes Antropológicos	1	0	0	0	0	2017
Multi-Science Journal	0	1	0	0	0	2017
Colloquium Humanarum	1	0	0	0	0	2019
Cadernus Pagu	1	0	0	0	0	2020
Revista Latino Americana de Enfermagem (RLAE)	0	0	0	1	0	2020
Portal de Periódicos da UFBA	0	0	0	0	1	2020
Research, Society and Development	1	0	0	0	0	2021
Research, Society and Development	0	0	1	0	0	2021
Dialogia	0	0	0	1	0	2022

Fonte: autoria própria (2022)

Conforme a tabela 2 demonstra, observa-se uma produção de artigos publicados e redigidos nos últimos 10 anos, apresentando expressividade de quantificação nos anos de 2012 a 2022. Encontra-se dois artigos publicados no ano de 2017 e 2021 e três no ano de 2020. Vale ressaltar que a pesquisa de seleção dos artigos citados foi realizada através da plataforma CAFe Capes no ano de 2022 entre os dias 03 de Julho e 23 de Setembro.

O quadro 2, informa os periódicos, identifica a Base de dados e os títulos publicados e selecionados para esse trabalho:

Quadro 2 - Títulos dos artigos por periódicos e ano de publicação

Periódicos	Ano	Bases	Títulos Publicados
Research, Society and Development	2021	CAFe Capes	As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.
	2021	CAFe Capes	Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero feminino.
Colloquium Humanarum	2019	CAFe Capes	Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.
Periferia (Educação, Cultura e Comunicação)	2012	CAFe Capes	A experiência transexual: estigma, estereotipo e desqualificação social no intramuros da escola.
Horizontes Antropológicos	2017	CAFe Capes	Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in) visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.
Multi-Science Journal	2017	CAFe Capes	Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.
Cadernus Pagu	2020	CAFe Capes	Escola e infância: a transfobia rememorada.
Revista Latino Americana de Enfermagem (RLAE)	2020	CAFe Capes	Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.
Cadernos de Gênero e Diversidade (UFBA) - Portal de Periódicos da UFBA	2020	CAFe Capes	Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.
Dialogia	2022	CAFe Capes	Somos um imenso bordado de nós: experiencias escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.

Fonte: autoria própria (2022)

No quadro 2 identifica-se que, os artigos encontrados na base CAFe Capes selecionados para essa pesquisa (10 artigos), foram publicados em 9 periódicos científicos, e que em 1, estão concentrados 2 artigos.

Ao consultar a estratificação das revistas e seu fator de impacto (FI), pode-se fazer inferências quanto à sua relevância e credibilidade no âmbito acadêmico-científico. Periódicos com classificação A1, A2, B1 ou B2 foram avaliados pelo “*Journal Citation Reports*” (JCR), um modo sistemático e objetivo de apreciar os principais periódicos de pesquisa no mundo. Ele oferece uma perspectiva exclusiva para avaliação e comparação de periódicos por meio de acumulação e tabulação de contagens de citações e artigos de praticamente todas as especialidades nos campos da ciência, ciências sociais e tecnologia. Quanto maior o fator de

<sup>1</sup>Os dados destacados foram desenvolvidos a partir da classificação de periódicos (QUALIS) com base no quadriênio 2017-2020.

impacto de uma revista, significa que ela é mais criteriosa para publicar um artigo. O QUALIS Periódicos está dividido em oito estratos, em ordem decrescente de valor: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. O quadro 3 abaixo destaca o fator de impacto dos periódicos que publicaram os artigos selecionados neste trabalho.

Vale ressaltar que o fator de impacto de qualidade mede e qualifica o alcance do texto em revistas científicas com base em um número de citações recebidas, não significando que mede a sua qualidade em termos de conteúdo e aprofundamento de questões relevantes especificamente.

Quadro 3 – Estratificação dos periódicos segundo classificação da Qualis CAPES

ISSN <sup>1</sup>	Nome do Periódico	Classificação
2525-3409	Research, Society and Development	B4
1809-8207	Colloquium Humanarum	B3
1984-9540	Periferia	B4
0104-7183	Horizontes Antropológicos	A2
2525-3409	Research, Society and Development	B4
-	Multi-Science Journal	-
1809-4449	Cadernus Pagu	A2
-	Revista Latino Americana de Enfermagem (RLAE)	-
1983-9294	Dialogia	B1
2525-6904	Cadernos de Gênero e Diversidade (UFBA)	-

Fonte: Plataforma Sucupira (jul.2022)

No quadro 4, apresentamos a busca pelo vínculo institucional dos autores.

Quadro 4 - Identificação dos autores, periódicos e vínculos institucionais

Periódicos	Títulos	Autorias	Instituição
Research, Society and Development	As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.	Raimundo, H. L.; Miranda, G. H. M.; Silva, C. A.; Silva, S. R. A. B.; Nascimento, S. D.; Almeida, F. C. J.; Santos, S. T. L.; Rocha, S. P.	Universidade Federal de Pernambuco
Research, Society and Development	Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero Feminino.	Albuquerque, R. A. F. E.; Oliveira, G. E.	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Colloquium Humanarum	Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.	Caetano, M; Lima, L. H. C; Castro, M. A.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Universidade Federal do Rio Grande Universidade Federal do Oeste da Bahia Universidade Federal do Rio Grande
Periferia (Educação, cultura e comunicação)	A experiência transexual: estigma, estereotipo e desqualificação social no intramuros da escola.	Braga, S. D.	Centro Universitário de Belo Horizonte
Horizontes Antropológicos	Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.	Miranda, M. P. A; Maia, B.	Universidade Federal Fluminense
Multi-Science Journal	Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.	Vieira, P. R; Gherardi, M. R. S; Severo, W. S. F. M.	Universidade Estácio de Sá Instituto Federal Goiano Universidade Estácio de Sá
Cadernus Pagu	Escola e infância: a transfobia rememorada.	Bento, J. M. N; Xavier, R. N; Sarat, M.	Estado de Educação de Mato Grosso do Sul Secretaria de Estado de Educação Universidade Federal da Grande Dourados
Revista Latino Americana de Enfermagem (RLAE)	Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.	Nascimento, K. F; Reis, A. R; Saadeh, A; Demétrio, F; Rodrigues, A. L. I; Galera, F. A. S; Santos, B. C.	Universidade de São Paulo Universidade Federal do Rio Grande do Sul Universidade de São Paulo Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Universidade do Estado do Pará
Cadernos de Gênero e Diversidade (UFBA)	Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.	Nogueira, R; Frank, H.	Universidade Estadual de Goiás
Dialogia	Somos um imenso	Ferreira, P. J;	Universidade Federal

	bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.	Souza, A. P. A; Botelho, M. D.	Rural de Pernambuco
--	---	--------------------------------	---------------------

Fonte: Autoria própria (2022)

Atinente à filiação dos autores dos artigos, observa-se que estes estão vinculados a diferentes instituições localizadas principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste. A produção está ainda concentrada em universidades públicas, sendo que todos os artigos possuem autores de instituições federais e estaduais. Tal fato, apesar dos constantes ataques que a universidade pública vem sofrendo, demonstra-nos a importância dessas instâncias no desenvolvimento de estudos sobre o tema do presente trabalho e na produção e divulgação do conhecimento em geral. No que diz respeito ao âmbito da administração universitária, a maioria das produções referem-se a autores de universidades federais e estaduais. Quanto aos periódicos, apenas *Research, Society and Development*, publicou 2 artigos, cada um sobre a temática no período estudado. Em relação aos títulos dos artigos os mesmos se tornam diversos, abrangem a questão da escola, educação, transexualidade e a questão de gênero por assim descritos.

Outro ponto a ser destacado refere-se ao referencial teórico utilizados nos artigos selecionados. Tal ponto pode ser observado no quadro 5.

Quadro 5 - Referências mencionadas nos artigos da categoria

Autorias	Títulos	Referencial Teórico
Raimundo, H. L; Miranda, G. H. M; Silva, C. A; Silva, S. R. A. B; Nascimento, S. D; Almeida, F. C. J; Santos, S. T. L; Rocha, S. P.	As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.	Peres (2009); Butler (2003, 2017); Mendes e Meira (2019); Saffioti (1997); Bento & Pelucio (2012); Miranda & Oliveira (2012, 2016); Bento (2008, 2017); Peres e Toledo (2011); Freire (2011); Áran (2006); Biancarelli (2010); Santos e Araujo (2009); Lessa e Oliveira (2013); Silva (2020); Benedetti (1997); Jayme (2002); Hutcheon (1985); Kulick (2008); Chidiac e Oltramari (2004); Alves-mazotti (1999); De Oliveira (2007); Lüdke & André (1986); Cardoso (2005); Vieira (2002); Bardin (1997); Fonseca Júnior & Wilson (2005); Bauer (2010); Gomes (2016); Oliveira (2016); Brasil (2017).

<p>Albuquerque, R. A. F. E; Oliveira, G. E.</p>	<p>Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero Feminino.</p>	<p>Onu (1948); Gil (2008); Foucault (1999); Bento (2008); Saffioti (2004); Lustosa (2002, 2017); Junqueira (2009); Borrillo (2009); Albuquerque (2020); Lustosa e Pires (2017); Haraway (2004); Fontes (2009); Pino (2017); Andrade (2012); Santana (2016); Godoi, Morais e Matos (2021); Weeks (1999); Lustosa (2002); Vasconcelos (2018); Oliveira e Silva (2018).</p>
<p>Cactano, M; Lima, L. H. C; Castro, M. A.</p>	<p>Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.</p>	<p>Louro (2001, 2008); Simões e Facchini (2009); Junqueira (2009, 2015); Cactano (2016); Marta Lamas (2002); Castro (2015); Saffioti (2004); Simone de Beauvoir (2009); Lagarde (2011); Pisano (2001, 2004); Louro (1997); Butler (2014); Colling (2015), Torres (2013); Miskolci (2012); Hall (1997); Junqueira (2014); Freire (2001, 2003); Bento (2011); Andrade (2012); Gebara (1997); Santos (2009);</p>
<p>Braga, S. D.</p>	<p>A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola.</p>	<p>Hall (2002); Carvalho (2003); Foucault (2000, 2004); Bhabha (2007); Butler (2003, 2006); Pino (2007); Neto (2002); Veiga-Neto (2002); Goodson (2003); Hobsbawn; Ranger; Macedo (2006); Louro (1992, 2001, 2004); Camargo (1999); Altmann (1998); Sousa (1984); Aran e Peixoto Júnior (2007).</p>
<p>Miranda, M. P. A; Maia, B.</p>	<p>Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.</p>	<p>Nóvoa (1990); Auad (2006); Fagundes (2001); Louro (1995, 2000); Neckel; Goellner (2003); Rosistolato (2007); Abramowicz, Rodrigues, Cruz (2011); Brasil (1998); Joan Scott (1989); Butler (2003); Bessa (1995); Dauster (1997, 2008); Guedes (2014); Gusmão (1997, 2010); Nanes, Leitão e Quadros (2016); Tosta (2011); Bourdieu (1987, 2011); Resende (2010); Vincent (1994); Jackson (1968); Becker (2013); Willis (1991); McLaren (1992); Erickson (1984); Ogbu (1981); Fischer (1980); Connell, Messerschmitt (2013); Martino (1995); Warren (1997); Mac An Ghail (1994); Welzer-Lang (2001); Caputo (2012); Maia (2014); Miranda e Maia (2015); Simmel (1983); Oliveira (2010); Kant de Lima (1999, 2001); Eilbaum (2012); Goffman (2012);</p>



		Cefai (2002); Mota (2014); Vargas (2010); Radcliffe-Brown (1978); DaMatta (1997); Pinto (2014); Petrosillo (2016); Vale de Almeida (1995); Duarte (1985); Toledo (1993); Abramovay (2002); Villas (2009); Simmel (2006); Charlot (2002).
Vieira, P. R; Gherardi, M. R. S; Severo, W. S. F. M.	Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.	Prado (2008); Torres (2013); Barroso (2011); Brasil (1988, 1994, 2008); Jesus (2015); Valladeres (2007); Silva e Junior (2012, 2014); Rubin e Butler (2003); Borrillo (2001, 2009, 2015); Smigay (2002); Rios (2007); Sanches (2011); Yogyakarta (2007); Câmara (2002); Curitiba (2002); Cardoso (1996); Herek (1991); Junqueira (2007, 2009); Teixeira e Alcântara (2010); Unaidis (2007); Sussal (1998); Reis (2015); Louro (2008); Abramavoy (2004); Lionço e Diniz (2009); Blumenfeld (2007); Hardin (2000); Sayão (1997); Rosistolato (2007); Vergara (2014); Almeida (2016); Barbosa & Silva (2016); Cardoso (2016); Carvalho & Guizzo (2016); Catelli Junior & Escoura (2016); Dias et al., (2016); Eugenio & Boaretto (2016); Franco (2016); Groff et al.,(2016); Pinho & Pulcino (2016); Prado & Ribeiro (2016); Rossi (2016); Vigano (2016).
Bento, J. M. N; Xavier, R. N; Sarat, M.	Escola e infância: a transfobia lembrada.	Jesus (2012, 2014); Bento (2006, 2011, 2014); Butler (1997); Foucault (1977, 1997); Louro (2000, 2004); Preciado (2013); Oliveira (2008); Lanz (2014); Andrade (2012); Constituição Federal (1988); Pelúcio (2012); Britzman (2002); Preciado (2013); PCN (1997).
Nascimento, K. F; Reis, A. R; Saadeh, A; Demétrio, F; Rodrigues, A. L. I; Galera, F. A. S; Santos, B. C.	Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.	OMS; DSM; CID.
Nogueira, R; Frank, H.	Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.	Macdowell (2010); Relph (1976); Santos (2005); Tuan (1983); Walsh (2007); Lopes (2010);

		Frank (2017, 2019); Capparelli (2018, 2019); Clandinin (2011); Connelly (2011); Utim (2019); Louro (1997, 2004); Júnior (2011); Giddens (1991); Prins e Meijer (2012); Césaire (2000); Foucault (2014); Freitas (2018); Silva (2014, 2019); Fairclough (2016); Torres (2010); Austin (1962); Pelúcio (2009); Macdowell (2010); Pontes (2017); Relph (1976); Andrade (2012); Freire (1991); Furtado (2012); Canen (2001); Moita Lopes (2013); Costella e Shaffer (2012).
Ferreira, P. J; Souza, A. P. A; Botelho, M. D.	Somos um imenso bordado de nós: experiencias escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.	Andrade (2012); Barros (2014); Silva (2016); Ranniery (2017); Louro (2007, 2010, 2013); Junqueira (2010, 2012, 2013); Butler (2007, 2009, 2019); Lopes (2013); Bohm (2009); Santos (2010); Sales (2012); Barros (2014); Oliveira (2014); Polak (2016); Silva (2015); Bento (2011); Miskolci (2016); Larrosa (2018); Maturana (2009); Giroux (2011); Martin e Retrick (1988); Foucault (2013); Passeti (2007); Galo e Aspis (2010); Gallo (2013); Giglio e Nunes (2018); Preciado (2011); Vieira e Candau (2010);

Fonte: Autoria própria (2022)

Em relação ao referencial teórico, observa-se a predominância de nomes como Butler, Foucault, Louro, Bento, Junqueira e Andrade. Outras referências que apareceram com frequência foram Freire, Peres, Oliveira, Torres e Miskolci.

O quadro a seguir (6) descreve os objetivos retirados de cada um dos documentos.

Quadro 6 - Objetivos dos artigos selecionados

<b>Autorias</b>	<b>Títulos</b>	<b>Objetivos</b>
Raimundo, H. L; Miranda, G. H. M; Silva, C. A; Silva, S. R. A. B; Nascimento, S. D; Almeida, F. C. J; Santos, S. T. L; Rocha, S. P.	As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.	Conhecer a relação das TTTs (Travestis, Transexuais e Transgêneros) com o ambiente escolar e tentar identificar como esta relação contribui para a saída das TTTs das instituições de ensino.
Albuquerque, R. A. F. E; Oliveira, G. E.	Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero Feminino.	Discutir a transfobia institucional experienciada por estudantes transgênero feminino no ambiente

		escolar e as formas de enfrentamento desse tipo de preconceito adotada pelos discentes.
Caetano, M; Lima, L. H. C; Castro, M. A.	Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.	Fazer algumas observações acerca dos conceitos de gênero, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero, temas sobre os quais, mais do que nunca, se faz necessário refletir nos contextos escolares.
Braga, S. D.	A experiência transexual: estigma, estereotipo e desqualificação social no intramuros da escola.	Analisar repercussões das práticas escolares e dos discursos sobre as sexualidades nos sentidos incorporados mediante a experiência de viver a diferença enunciada pelo olhar normalizador das instituições de controle.
Miranda, M. P. A; Maia, B.	Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.	Pretende-se contrastar a visibilidade da temática das relações de gênero na esfera pública com a invisibilidade que tal temática adquire no cotidiano das escolas públicas.
Vieira, P. R; Gherardi, M. R. S; Severo, W. S. F. M.	Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.	Identificar as principais causas e consequências da homofobia na escola, e também, conceituar seus principais eixos temáticos.
Bento, J. M. N; Xavier, R. N; Sarat, M.	Escola e infância: a transfobia lembrada.	Apresentar reflexões sobre os limites da instituição escolar em lidar com crianças e adolescentes que apresentam performances ou comportamentos que fogem às normas binárias de gênero.
Nascimento, K. F; Reis, A. R; Saadeh, A; Demétrio, F; Rodrigues, A. L. I; Galera, F. A. S; Santos, B. C.	Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.	Descrever atributos associados à Qualidade de Vida de crianças e adolescentes transgêneros brasileiros segundo sua própria percepção.
Nogueira, R; Frank, H.	Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.	Trazer à reflexão as narrativas de Riana, uma mulher que se declara transexual, a fim de problematizarmos suas corporalidades dissidentes localizadas em contexto escolar.
Ferreira, P. J; Souza, A. P. A; Botelho, M. D.	Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.	Problematizar as experiências escolares de cinco estudantes que escapam dos modelos cisheteronormativos de gênero e sexualidade.

Fonte: Autoria própria (2022)

Com os objetivos é possível realizar análises no que diz respeito ao intuito de cada artigo em seu desenvolvimento, quase a totalidade dos objetivos demonstram preocupação

com a permanência e desenvolvimento de estudantes transexuais dentro das escolas, buscam por problematizar a experiência desses estudantes, identificar as causas de violência e preconceito nas instituições, além de se preocupar com o posicionamento que a direção e os docentes podem ter frente a conflitos. Dois artigos (dos autores Ferreira, Souza e Botelho; Nogueira e Frank) em seus objetivos trazem a narrativa como componente do trabalho, vale destacar que a narrativa de pessoas, homens e mulheres trans, são bem abordados e apresentados em muitos artigos, dos selecionados e outros, nos demonstrando uma forma de aprofundamento na busca de entender sobre o que essas pessoas sofrem na pele no cotidiano escolar, a partir do compartilhamento de suas vivências. Cabe destacar ainda, o artigo de Nascimento, Reis, Saadeh, Demétrio, Rodrigues, Galera e Santos (2020) em descrever a qualidade de vida que crianças e adolescentes transexuais podem ter de acordo com fatores específicos relacionados à família e sociedade.

No quadro 7 destacamos as metodologias de cada artigo, com as mesmas podemos entender quais abordagens e passos foram seguidos para o levantamento de informações pertinentes a cada um dos trabalhos.

Quadro 7 - Metodologias inerentes aos artigos

<b>Autorias</b>	<b>Títulos</b>	<b>Metodologias</b>
Raimundo, H. L; Miranda, G. H. M; Silva, C. A; Silva, S. R. A. B; Nascimento, S. D; Almeida, F. C. J; Santos, S. T. L; Rocha, S. P.	As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.	Utilização de abordagem qualitativa e quantitativa, dois tipos de tipologias, descritiva e explicativa. Aplicação de questionário como instrumento de coleta de dados, divulgado via mídias sociais.
Albuquerque, R. A. F. E; Oliveira, G. E.	Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero Feminino.	Investigação de caráter qualitativo, pesquisa bibliográfica, documental e empírica, por meio das técnicas da observação e entrevista semiestruturada. Utilização de método histórico-dialético.
Caetano, M; Lima, L. H. C; Castro, M. A.	Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.	Reflexões realizadas por meio de formulação de projetos de pesquisa, cujo o tema se destinam a abranger a construção das identidades de gênero na escola.
Braga, S. D.	A experiência transexual: estigma, estereotipo e desqualificação social no intramuros da escola.	Narrativas de três entrevistados, contextualização e encerramento.

Miranda, M. P. A; Maia, B.	Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.	Descrição e contextualização de dois casos de conflito, entrevista, pesquisa por obtenção de dados referentes a escolas do estado do Rio de Janeiro.
Vieira, P. R; Gherardi, M. R. S; Severo, W. S. F. M.	Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.	Revisão bibliográfica, realização de busca por livros que tratavam da homofobia na escola e dos principais eixos temáticos, e posteriormente, realização de busca por publicações indexadas na plataforma Google Acadêmico, provenientes do ano de 2016, possuindo relação com o tema em questão.
Bento, J. M. N; Xavier, R. N; Sarat, M.	Escola e infância: a transfobia lembrada.	Entrevista, utilização dos relatos das participantes, contextualização e reflexão sobre os mesmos.
Nascimento, K. F; Reis, A. R; Saadeh, A; Demétrio, F; Rodrigues, A. L. I; Galera, F. A. S; Santos, B. C.	Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.	Estudo descritivo, realizado com 32 participantes entre oito e 18 anos, entrevistados ou que participaram de grupos focais. Os depoimentos foram transcritos, agrupados e descritos segundo a definição da Qualidade de Vida pela Organização Mundial da Saúde no que concerne às dimensões mental, física e social.
Nogueira, R; Frank, H.	Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.	Relato/entrevista inscrita no paradigma qualitativo e interpretativo, sob perspectiva narrativa em Linguística Aplicada Crítica.
Ferreira, P. J; Souza, A. P. A; Botelho, M. D.	Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.	Abordagem qualitativa e os dados foram construídos a partir da entrevista narrativa e do caderno de memórias do entrevistado (a).

Fonte: Autoria própria (2022)

Destaca-se o caráter de pesquisa qualitativa utilizado em muitos dos trabalhos, além de serem realizadas na maioria das pesquisas processos envolvidos de entrevistas, relatos e depoimentos de participantes (convidados). Destaca-se a utilização de um questionário na obra de Raimundo, Miranda, Silva C, Silva S, Nascimento, Almeida, Santos e Rocha; e uma revisão bibliográfica apresentada no artigo de Vieira, Gherardi e Severo.

A última etapa de pré-análise dos artigos, foi apontar os resultados obtidos. Tal

processo apresenta-se o quadro 8 a seguir.

Quadro 8 - Resultados apontados nos artigos

Autorias	Títulos	Resultados
Raimundo, H. L; Miranda, G. H. M; Silva, C. A; Silva, S. R. A. B; Nascimento, S. D; Almeida, F. C. J; Santos, S. T. L; Rocha, S. P.	As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.	Cotidiano escolar hostil, contribuindo para a evasão escolar.
Albuquerque, R. A. F. E; Oliveira, G. E.	Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero Feminino.	Escola como instituição que reforça a norma padrão de ser e sentir o gênero e a sexualidade.
Caetano, M; Lima, L. H. C; Castro, M. A.	Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.	Preconceito social presente ainda e gerando violências contra a performatividade dessa comunidade.
Braga, S. D.	A experiência transexual: estigma, estereotipo e desqualificação social no intramuros da escola.	Necessidade de indagar representações aceitas (e repetidas) no interior da escola. Necessidade de um trabalho para a desnaturalização das identidades de gênero e sexuais.
Miranda, M. P. A; Maia, B.	Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.	Brigas entre os estudantes por concepções de masculinidade e feminilidade. Reprodução do binarismo masculino/feminino em todo processo de escolarização. Situações de invisibilização de homossexuais, lésbicas, bissexuais e transgêneros no espaço escolar. Necessidade de se compreender os conflitos, solucioná-los e buscar por direitos.
Vieira, P. R; Gherardi, M. R. S; Severo, W. S. F. M.	Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.	Causas de homofobia encontradas pelos pesquisadores. Publicações que abordavam as consequências da homofobia no ambiente educacional.
Bento, J. M. N; Xavier, R. N; Sarat, M.	Escola e infância: a transfobia rememorada.	Discussões sobre comportamentos, padrões e as normas que legitimam as infâncias e seus corpos infantis. problematização dos contextos sociais transmisóginos e transfóbicos, Sendo estes responsáveis muitas vezes pelo silenciamento das alunas (os).
Nascimento, K. F; Reis, A. R; Saadeh, A;	Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.	Identificação do núcleo familiar como o principal meio de suporte social das crianças e adolescentes

Demétrio, F; Rodrigues, A. L. I; Galera, F. A. S; Santos, B. C.		transgêneros.
Nogueira, R; Frank, H.	Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.	Escola como reprodutor social da exclusão, padronizador das relações sexuais sob a heterocisnormatividade e punidora dos corpos e da diferença. Necessidade de mediação docente e a descolonização dos currículos.
Ferreira, P. J; Souza, A. P. A; Botelho, M. D.	Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.	Experiências escolares das/os protagonistas se constroem a partir de referenciais negativos que as/os colocam em posições de subalternidade. Ensino médio possibilitando formas de inteligibilidade, ressignificação e identidades.

Fonte: Autoria própria (2022)

Ao destacar os resultados descritos em cada artigo, pode-se atribuir respaldos negativos sobre a vivência de estudantes transgêneras(os) nas escolas, em todos os documentos foram apresentados motivos que geram sofrimento e evasão desses estudantes, 4 artigos demonstram se preocupar com a necessidade de urgência de mais estudos relacionados a este tema, e principalmente estudos que auxiliem na forma correta de atender esses alunos nos ambientes educacionais. As pesquisas tiveram participantes diversos em suas entrevistas, os quais trouxeram argumentos destacando a escola como instituição onde a norma padrão é reforçada ao se sentir as questões envolvendo gênero e sexualidade, incluindo regras de binarismo, tal fato ainda tende a gerar resistência contra a performatividade dos estudantes. Desta forma, destaca-se uma necessidade de desnaturalização das identidades de gêneros e sexuais, a falta da reformulação sobre tais concepções continuam a agravar violências baseadas na masculinidade e feminilidade. Em alguns artigos a família é destacada como uma boa base de apoio para os estudantes, trazendo junto desta uma mediação da gestão escolar para auxiliar e proteger os estudantes LGBTQIA+ que sofrem as violências. O artigo de Nogueira e Frank (2021) merece destaque ao declarar uma necessidade de inovação do currículo escolar, como um meio para haver de fato mudanças na estrutura social da escola. O artigo de Ferreira, Souza e Botelho (2022) traz dados importantes ao destacar o ensino médio como um espaço de ressignificação de identidade.

Todos os artigos trazem pontos importantes a serem considerados, contribuindo para o aprofundamento de entendimentos acerca dos assuntos, adiante apresenta-se uma síntese dos dados obtidos proveniente da leitura destes em conjunto.

## 6. SÍNTESE DOS DADOS

Os dados obtidos após a categorização dos 10 artigos nos demonstra um corpo de conhecimentos divididos em quatro partes, expressando um melhor aprofundamento de cada trabalho selecionado, de acordo com sua estruturação e abrangência de conhecimento.

As unidades permitiram o agrupamento em categorias organizadas por temáticas que seguem a estrutura do trabalho científico, possibilitando-nos estabelecer relações entre o material selecionado e o aporte teórico adotado, organizando um corpo novo de conhecimentos, fruto de diversos olhares e reconhecendo a dinamicidade das pesquisas que se organizam em torno de realidades distintas (BARBOSA, 2022).

No quadro 9, apresenta-se uma síntese de cada um dos 10 artigos em ordem cronológica, destacando os elementos textuais presentes conjuntamente.

Quadro 9 - Síntese dos artigos, segundo sua composição estrutural e cronologia

Autorias/Ano + Título da Obra	Objetivos	Metodologias	Resultados
Braga, S. D. (2012)  A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola.	Analisar repercussões das práticas escolares e dos discursos sobre as sexualidades nos sentidos incorporados mediante a experiência de viver a diferença enunciada pelo olhar normalizador das instituições de controle.	Narrativas de três entrevistados, contextualização e encerramento.	Necessidade da urgência de indagar sobre as representações aceitas. Possibilitar inscrições de novos/outros modos de vida nos contextos escolares. Necessidade de um trabalho para a desnaturalização das identidades de gênero e sexuais.
Miranda, M. P. A; Maia, B. (2017)  Olhares, xingamentos e agressões físicas: A presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.	Pretende-se contrastar a visibilidade da temática das relações de gênero na esfera pública com a invisibilidade que tal temática adquire no cotidiano das escolas públicas.	Descrição e contextualização de dois casos de conflito, entrevista, pesquisa por obtenção de dados referentes a escolas do estado do Rio de Janeiro.	Concepções de masculinidade e feminilidade como causa de brigas. Reprodução do binarismo masculino/feminino em todo processo de escolarização. Necessidade de se compreender os conflitos, solucioná-los e buscar por direitos.
Vieira, P. R; Gherardi, M. R. S; Severo, W. S. F. M. (2017)  Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão.	Identificar as principais causas e consequências da homofobia na escola, e também, conceituar seus principais eixos temáticos.	Revisão bibliográfica, realização de busca por livros que tratavam da homofobia na escola e dos principais eixos temáticos, e posteriormente, realização de busca por publicações indexadas na plataforma Google Acadêmico, provenientes do ano de 2016 possuindo relação com o tema em questão.	Existência de causas e consequências para a homofobia no ambiente educacional. Necessidade de mais pesquisa relacionada a esta temática.



<p>Bento, J. M. N.; Xavier, R. N.; Sarat, M. (2020)</p> <p>Escola e infância: a transfobia rememorada.</p>	<p>Apresentar reflexões sobre os limites da instituição escolar em lidar com crianças e adolescentes que apresentam performances ou comportamentos que fogem às normas binárias de gênero.</p>	<p>Entrevista, utilização dos relatos das participantes, contextualização e reflexão sobre os mesmos.</p>	<p>Espaço escolar, sendo responsável muitas vezes pelo silenciamento das alunas (os).</p>
<p>Nascimento, K. F.; Reis, A. R.; Saadeh, A.; Demétrio, F.; Rodrigues, A. L. I.; Galera, F. A. S.; Santos, B. C. (2020)</p> <p>Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: atributos associados à qualidade de vida.</p>	<p>Descrever atributos associados à Qualidade de Vida de crianças e adolescentes transgêneros brasileiros segundo sua própria percepção.</p>	<p>Estudo descritivo, realizado com 32 participantes entre oito e 18 anos, entrevistados ou que participaram de grupos focais. Os depoimentos foram transcritos, agrupados e descritos segundo a definição da Qualidade de Vida pela Organização Mundial da Saúde no que concerne às dimensões mental, física e social.</p>	<p>Núcleo familiar como o principal meio de suporte social das crianças, entretanto, a vivência de preconceito e discriminação foram atributos negativos associados à Qualidade de Vida.</p>
<p>Nogueira, R.; Frank, H. (2020)</p> <p>Onde Estão as Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar.</p>	<p>Trazer à reflexão as narrativas de Riana, uma mulher que se declara transexual, a fim de problematizarmos suas corporalidades dissidentes localizadas em contexto escolar.</p>	<p>Relato/entrevista inscrita no paradigma qualitativo e interpretativo, sob perspectiva narrativa em Linguística Aplicada Crítica.</p>	<p>Escola ainda como reprodutora da exclusão, padronizadora da heterocisnormatividade.</p>
<p>Raimundo, H. L.; Miranda, G. H. M.; Silva, C. A.; Silva, S. R. A. B.; Nascimento, S. D.; Almeida, F. C. J.; Santos, S. T. L.; Rocha, S. P. (2021)</p> <p>As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos.</p>	<p>Conhecer a relação das TTTs (Travestis, Transexuais e Transgêneros) com o ambiente escolar e tentar identificar como esta relação contribui para a saída das TTTs das instituições de ensino.</p>	<p>Utilização de abordagem qualitativa e quantitativa, dois tipos de tipologias, descritiva e explicativa. Aplicação de questionário como instrumento de coleta de dados, divulgado via mídias sociais.</p>	<p>Cotidiano escolar hostil, contribuindo para a evasão escolar.</p>
<p>Albuquerque, R. A. F. E.; Oliveira, G. E. (2021)</p> <p>Transfobia na educação: O olhar da estudante Transgênero Feminino.</p>	<p>Discutir a transfobia institucional experienciada por estudantes transgênero feminino no ambiente escolar e as formas de enfrentamento desse tipo de preconceito adotada pelos discentes.</p>	<p>Investigação de caráter qualitativo, pesquisa bibliográfica, documental e empírica, por meio das técnicas da observação e entrevista semiestruturada. Utilização de método histórico-dialético.</p>	<p>Escola como instituição que reforça a norma padrão de ser e sentir o gênero e a sexualidade.</p>
<p>Ferreira, P. J.; Souza, A. P. A.; Botelho, M. D. (2022)</p>	<p>Problematizar as experiências escolares de cinco estudantes que</p>	<p>Abordagem qualitativa e os dados foram construídos a partir da</p>	<p>Experiências escolares das/os protagonistas se constroem a partir de</p>

Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos.	escapam dos modelos cisheteronormativos de gênero e sexualidade.	entrevista narrativa e do caderno de memórias do entrevistado (a).	referenciais negativos que as/os colocam em posições de subalternidade. Ensino médio possibilitando formas de inteligibilidade, ressignificação e identidades.
Caetano, M; Lima, L. H. C; Castro, M. A. (2022)  Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática.	Fazer algumas observações acerca dos conceitos de gênero, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero, temas sobre os quais, mais do que nunca, se faz necessário refletir nos contextos escolares.	Reflexões realizadas por meio de formulação de projetos de pesquisa, cujo o tema se destinam a abranger a construção das identidades de gênero na escola.	Preconceito social presente ainda e gerando violências contra a performatividade dessa comunidade.

Fonte: Autoria própria (2022)

A ordem cronológica dos artigos possibilita ressaltar uma questão vinculada a historicidade do tema abordado, com o primeiro artigo datado no ano de 2012, nota-se a ausência de artigos datados na década dos anos 2000, tampouco grande abrangência dos mesmos 15 anos depois, nota-se o aumento de publicações a partir de 2017 (2 artigos), contemplando ainda dois artigos publicados nos anos de 2021 e 2022 e três no ano de 2020. Sobre os demais anos destaca-se 2012 (1 artigo) e 2019 (1 artigo).

Vale salientar que o alvo das pesquisas são as(os) alunas(os) transgêneras(os); e as relações destes com à escola, envolvendo seus processos de pertencimento e aprendizagem a ambientes tão complexos e hostis.

As pesquisas quando vistas em conjunto se constituem peças de um mosaico e, avançar no entendimento da complexa relação entre elas, requer habilidades de observação e espírito crítico, afinal, elas trazem especificidades, épocas distintas e contextos diversos, mas permitem a construção de interpretações mais abrangentes e alargar o conhecimento sobre os enfoques e experiências registradas na produção científica no período, em periódicos de acesso livre (BARBOSA, 2022).

No quadro 10, procuramos identificar alguns elementos comuns nos artigos.

Quadro 10 – Principais elementos comuns nos artigos

<b>Categorias</b>	<b>Elementos comuns destacados nos artigos</b>
	Pesquisa de formato qualitativa, incluindo análise dos dados obtidos.
	Busca por documentos e/ou relatos de voluntários para exemplificar o tema.

Categorias	Elementos comuns destacados nos artigos
Artigos selecionados do 1 ao 10	Contextualizar o conceito de gênero, sexualidade e identidade de gênero, analisando as práticas presentes nas escolas perante esses conceitos.
	Busca por reflexão e necessidade de mais estudos voltado ao tema.
	Busca por motivos de ódio e agressões, além do abandono de alunas(os) trans nas escolas.
	Concordância sobre a existência de conflitos geradores de sofrimento a estes alunos, sendo este sofrimento muitas vezes o motivo da evasão dos mesmos.
	Predominância de abordagem qualitativa nas pesquisas.

Fonte: Autoria própria (2022)

Com a exposição anterior dos elementos em comum encontrados a partir da leitura e comparação entre os objetivos, metodologias e resultados dos trabalhos selecionados, podemos delimitar características notórias em todos os trabalhos, além de demonstrar as mesmas mazelas enfrentadas sobre o tema com diferentes autores em diferentes regiões do Brasil.

Somando as características anteriormente descritas, temos que o corpo de cada artigo selecionado, juntos, podem atribuir reflexões bem embasadas a cerca do tema da presente monografia, tal fato pode ser melhor suscitado ao realizar-se uma discussão sobre os dados obtidos, atuando como um mergulho sobre a grandeza e complexidade do tema.

## 6. DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados apresentados no item anterior foram de grande importância para se notar algumas semelhanças e diferenças em relação ao tema. Antes de nos direcionarmos a elas, cabe destacar a importância da universidade pública como desenvolvedora de trabalhos no que se refere à educação e à população transgênera brasileira. Ligados aos autores analisados e a origem de suas instituições, os dados demonstram uma maioria destes sendo de origem de ensino superior público (23) e dois de instituição particular, vale ressaltar também que no artigo de Bento, Xavier e Sarat (2020) encontram-se dois destes autores provenientes da Secretária de Educação do Mato Grosso do Sul. Nota-se grande abrangência em todo território nacional de estudos relacionados ao tema, com destaque para a região Sudeste e Nordeste, posteriormente segue a região Centro-Oeste, entretanto, dados como esses nos denotam ainda uma concentração de escrita muito presente no Sudeste brasileiro.

Adiante, levando-se em consideração a temática, foram selecionados para o presente trabalho um total de 10 artigos, sendo os mesmos responsáveis por nos mostrar mais uma vez a necessidade de pesquisas que revelem preocupação com a população transgênera, ainda mais quando nos referimos a estas em sua fase de infância e adolescência, destacando quanto essas pessoas ainda se encontram excluídas e invisíveis em nossa sociedade.

As reflexões expostas por muito dos autores denotam a presença da heteronormatividade nas escolas, com assujeitamento das (os) alunas (os) transgêneras (os) nesses espaços, tal questão leva a inferiorização e perda de identidade e autoestima desses estudantes. Outro ponto faz referência na questão de alguns docentes ou das próprias instituições em não aceitar o nome social dos estudantes. Inclui aqui a questão da demora pela legislação em alterar os nomes, atrapalhando os estudantes em sua jornada de pertencimento e de realização, por isso, a única coisa que lhes resta são seus corpos, alterados antes mesmo de conquistarem seus nomes desejados, o corpo aqui assume sua forma de resistência, sendo um símbolo da expressão. Como apontado por Jayme (2002), o corpo é mais do que a matéria, ele é na realidade o meio de se expressar e de se identificar de acordo com o gênero e a sexualidade. Sendo assim, as travestis e transexuais acabam por sofrer mais quadros de violências se comparadas a população de gays e lésbicas no espaço escolar, justamente por utilizarem seus corpos como fuga da norma heteronormativa de gênero nessas instituições, sendo tal característica bem perceptível se comparada a outros.

Ao se fazer presente um corpo têm-se também os olhares e julgamentos, justamente por estarmos inseridos em uma sociedade que julga e inviabiliza terceiros por suas aparências, não seria diferente com esses estudantes. Defronte a esses corpos que se modificam e provocam a binaridade, vem como resposta a tendência de expressar preconceitos sobre um fundamentalismo biológico para propagar a transfobia. Neste fundamentalismo o que se leva em consideração é um organismo eminentemente biológico, sem suas dimensões atribuídas à cultura, como apontado por Santos (1998) *apud* Guizzo e Ripoll (2015, p. 477), o qual traz que essa dimensão unicamente biológica, é inclusive retratada nos materiais didáticos de Ciências e Biologia. Atrela-se a tal fato a importância do futuro professor de ciências e biologia (inclusive os já atuantes) de desconstruir esses conteúdos já estereotipados. Claro que essa questão não deve ser lançada apenas nas mãos destes, mas os mesmos possuem em seu favor o espaço para a construção coletiva de novas narrativas graças aos currículos atrelados a suas disciplinas. O artigo de Albuquerque e

Oliveira (2021) ressalta ainda que a não representatividade do público LGBTQIA+ nos materiais didáticos, ou relacionar esta comunidade a apenas conteúdos de discursos de práticas sexuais passíveis de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), acabam por agravar o apagamento ou por resumir a existência desses indivíduos apenas à sua sexualidade, contribuindo para uma ideia popular baseada unicamente na perversão sexual. Com base no fundamento teórico, Foucault (1975) retrata bem essa questão ao se referir aos discursos de poder, sendo que no século XVII as sexualidades desenvolvidas, as imagens da sexualidades periféricas, ao adentrar no seio familiar, criam características de personas com o intuito de diminuí-las, como o mal da homossexualidade e sua perversidade, ao se atribuir a perversidade (e outros tantos palavreados) sobre os corpos, aumenta-se uma dominância do poder sobre o indivíduo.

Todos os artigos selecionados trazem a importância de se destacar o sexo e o corpo como construções culturais, não significando necessariamente a negação de uma diferença anatômica dos mesmos. Através da diversidade cultural global, o corpo e o sexo tendem a produzir sentidos e significados, sendo assim questões atreladas sobre o que é “normalidade” e o que seria “anormalidade” são puras construções, podendo ser divergentes, de cultura para cultura. Sendo parte da cultura e construída por ela, podemos interrogar essas “verdades” ou “essências” transcendentais ditas como inquestionáveis (PERES, 2009 *apud* RAIMUNDO; MIRANDA; SILVA A; SILVA B; NASCIMENTO; ALMEIDA; SANTOS L e ROCHA, 2021).

Os artigos selecionados destacam ainda outra problemática em comum, atrelada à necessidade em se problematizar assuntos relacionados a sexualidade e gênero nas escolas, onde muitas vezes discursos associados a essas questões são tratados como “assunto delicado” e assim varridos para debaixo do tapete. A ausência desta problematização acaba por relacionar a comunidade LGBTQIA+ a questões polêmicas de fantasias e a manutenção de preconceitos a identidades que fogem do padrão heteronormativo, agravando o silenciamento dessas pessoas. Acredito que os futuros profissionais ligados a educação, devem buscar ter uma necessidade de engajamento para a resolução de conflitos, visto que os silenciamentos por parte destes perante os conflitos, tendem a ressaltar padrões baseados no binarismo enraizado, tratando como diferente e desviante aqueles que fogem à norma, potencializando assim a desigualdade em seu estrato mais puro dentro da instituição de ensino. O artigo de Miranda e Maia (2017) nos denota que, ao realizar a fuga das discussões e debates sobre conflitos de gêneros, a escola acaba renunciando seu lugar de retórica, construída através da própria diversidade em seu desenvolvimento histórico. Negar o debate

é invisibilizar e permitir que as crianças e adolescentes LGBTQIA+ sejam sempre vistas como o “outro”, o “patologizado” o “anormal” (LOURO, 2004 *apud* BENTO, XAVIER e SARAT, 2020, p. 13).

Juntamente as questões aqui ressaltadas se faz necessária uma desconstrução social, a qual permite perturbar as relações heteronormativas, alicerçadas pelo exercício do poder sobre grupos minoritários. Poder este que se fortalece no processo discriminatório, que é muitas vezes alimentado por ideias preconcebidas da própria sociedade, e das próprias famílias que nela se encontram inseridas, como, por exemplo, os discursos preconceituosos adotados por crianças que muitas vezes nem ao menos entendem seus significados, apenas os reproduzem pelo processo de escuta de outros em seu ambiente.

Com base nos artigos, em relação à escola, como trazido muitas vezes por Foucault nas obras citadas anteriormente, essa instituição sempre esteve atrelada à tarefa de separar e distinguir os sujeitos dentro de seu espaço, por exercícios de hierarquia, ordem, gênero, etc. A diferença, entretanto, se faz na necessidade em que nas últimas décadas e desde o século passado, à escola necessitou passar por um processo de diversidade. Tal questão, traz como necessidade uma mudança de seus currículos e regulamentos, mas a escola continuou a propagar exercícios de avaliação e disciplinas que acabaram por ainda reproduzir as diferenças. Lembra-nos Foucault em “Vigiar e Punir” (1975) da escola como ambiente de perpetuação do desejável, no qual aqueles que fogem à norma acabam sendo penalizados, onde a escola acaba desta forma reforçando o ato repressivo, que por sua vez, como analisa Braga (2012), não deve ser interpretado apenas pelo ato da proibição ou impedimento de ações, mas sim como uma forma de produzir e reproduzir discursos a fim de formatar corpos e corporalidades.

No artigo de Miranda e Maia (2017), os autores trazem a questão do conflito ser tratada como “problemas de disciplina”, já sustentado por Foucault (1975) como sendo a disciplina uma arte de formular relações mecanicistas, de utilidade e obediência sobre os corpos, impondo proveitos de gestos comparados a uma atitude global de se ver e entender o corpo, sujeitando-o, induzindo-o, controlando-o, afinando, portanto, o laço do poder. Problemas de disciplina seriam, portanto, os problemas ocasionados pela fuga do corpo as normas impostas pela instituição, cabe à cada um indagar-se, até onde estamos tirando proveito desses atos disciplinares e até onde estamos reproduzindo desigualdades e pressões em nossas crianças?

Um artigo interessante a descrever, nos leva justamente a olhar para as brincadeiras infantis, nas quais o brincar se torna um rico quesito de *script* de gênero, estes são descritos

como compostos de expectativas de feminilidade e masculinidade socialmente hegemônicas (GONÇALVES, 2007 *apud* DORNELLES, SERPA, KRUEL, GUAZINA e CARLESSO, 2019, p. 7). Os autores descrevem as brincadeiras como um auxílio na transição pelos *scripts* de gênero, brincando daquilo que pode ser considerado “coisa de menino” ou “coisa de menina”, desmistificando tal conceito. Entretanto, vale ressaltar que, apesar de crianças transexuais apresentarem desejos por brincadeiras impostas socialmente como não pertencentes ao seu gênero, uma criança ao desejar à brincadeira do outro gênero diferente do seu, não leva necessariamente a significação do desejo e expressão desta ser uma criança transexual (REIDEL, 2013 *apud* DORNELLES, SERPA, KRUEL, GUAZINA e CARLESSO, 2019, p. 7). Os autores reforçam a ideia de que para um bom desenvolvimento infantil, deixar a criança livre é um ato necessário, atenuando desta forma suas experimentações.

Para Berenice e Bento (2006, 2011 *apud* BENTO, XAVIER E SARAT, 2020), as crianças e adolescentes transgêneras sofrem nas escolas um verdadeiro processo de tortura psicológica, atribui-se como resultado dessa problemática o grande número de homens e mulheres transgêneras analfabetas (os) na idade adulta, levando muito destes a trabalhos precarizados, incluindo a prostituição. Para tanto, os autores discutem como resolução, a necessidade do Estado em ofertar cursos de capacitação a essas pessoas, mais do que isso, garantir as discussões sobre temas da transgeneridade nas disciplinas dos cursos de licenciatura, não apenas na formação inicial, mas continuada também.

Vale por fim, destacar o artigo de Vieira, Gherardi e Severo (2017) o qual traz algumas causas para a existência da transfobia nas escolas, podendo estas causas ainda serem uma solução para o problema quando mudadas, dentre tantas demonstradas pelos autores. Lembro aqui a questão da falta de professores(as) preparados(as) para trabalhar com a existência das diferenças; a questão da pedagogia da interculturalidade; a necessidade de uma escola baseada em um ambiente mais favorável ao ensino/aprendizagem sensível aos (as) estudantes LGBTQIA+; políticas de identidade e direito da diversidade; legislações públicas voltadas para a comunidade LGBTQIA+ que garantam o acesso e permanência destes nas escolas; investimento em ações paralelas como divulgação das políticas, programas e equipamentos públicos de subsídio e de direitos a população LGBTQIA+; políticas públicas voltadas ao combate das desigualdades e à promoção de ações de integração da população LGBTQIA+; criação de ações afirmativas; formação inicial e continuada em gênero e diversidade sexual para gestores(as), docentes e demais profissionais das escolas; normatização específica sobre a obrigação da escola em abordar as temáticas da diversidade

sexual e de gênero; inserção de atividades que contemplem a diversidade sexual e familiar nas práticas educativas; dentre tantas outras citadas pelos autores (VIEIRA, GHERARDI e SEVERO, 2017).

Ressaltamos que a escola se faz ponto de resistências e lutas ao encontrar-se dentro dela tantas identidades e diferenças, se uma escola leva em consideração o bem de seus estudantes, essa acaba sendo um palco proveitoso para o respeito e a consciência da diferença, além da construção de um ambiente justo e igualitário.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da temática aqui exposta se realizou uma busca pelo entendimento acerca do processo histórico das lutas e legitimidade das pessoas pertencentes a comunidade LGBTQIA+, com enfoque nas crianças e adolescentes transgêneras, as quais são silenciadas em nossa volta. Foi esboçada uma preocupação de como se deu a construção do gênero, sexo e da sexualidade em nossa sociedade mediante uma análise foucaultiana, englobando a questão do discurso e do poder que tende a moldar e agir diretamente sobre os corpos em nossa sociedade. Buscou-se agrupar artigos que favoreçam a discussão sobre o papel da educação ao se relacionar com as (os) estudantes transgêneras nas instituições escolares brasileiras, mostrando um pouco das problemáticas por estes enfrentada nesses espaços, não apenas problemáticas, mas possíveis soluções para garantir o pertencimento destas (es) estudantes nesses locais. Foi possível observar que ainda existe muita luta a ser realizada, foi demonstrado a partir deste estudo que o preconceito tem nome e cara, que está enraizado em nossa sociedade, mas que o mesmo não é imutável, nossa sociedade é feita de diversos grupos culturais que se modificam ao longo do tempo, como sempre ocorreu e como sempre vai ocorrer.

Através desta pesquisa tentou-se demonstrar uma preocupação com o futuro de nossas crianças e adolescentes transgêneras (os) presentes nas instituições educacionais; indagar sobre nossas condutas como futuros profissionais da educação, não apenas isso, mas como seres humanos que possuem o dever de ser à cada dia pessoas melhores, comprometidas com o respeito à diversidade. Este tema traz muitos desafios e lacunas que este TCC não almeja alcançar, mostrando que o tema permanece relevante e necessário nas pesquisas e atuações acadêmicas e sociais, a fim de contribuir para discussões sobre nosso papel como sociedade democrática, mista, rica, com tanto a contribuir na busca da legitimação do direito a vida de cada um, do direito de ser, de se expressar, sem correr o



risco de sofrer tantas violências ao se levantar contra os ataques que vem ao nosso encontro.

Faz-se necessário a partir de todos os pressupostos apresentados fazer um exame de consciência, perguntar qual o nosso papel, o que podemos fazer de diferente, como podemos nos posicionar perante as faces do poder que nos pressiona à cada dia. O que somos, por que continuamos a ter tantos discursos grotescos e preconceituosos em nossa retórica? Se estes existem é porque possuem uma origem, mas faço questão de ressaltar mais uma vez, apesar de terem uma origem e estarem presentes em nossa construção até hoje, não significa necessariamente que estes sejam imutáveis.

Que a educação persista como um ato de revolução, de amor, e de garantia do alcance do saber e de um futuro digno a todos.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, R, A, F, E; OLIVEIRA, G, E. Transfobia na educação: O olhar da estudante transgênero feminino. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 4, e34310414272, 2021(CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409. Disponível em: <https://docplayer.com.br/212968101-Transfobia-na-educacao-o-olhar-da-estudante-transgener-o-feminino.html>. Acesso em: 13 jun 2022.

BARBOSA, R, A. Formação Continuada de Professores de Biologia: um estudo bibliográfico. Araras, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16876>. Acesso em: 20 out 2022.

BENTO, N. M. de J., XAVIER, N. R., & SARAT, M. . (2020). Escola e infância: a transfobia rememorada. *Cadernos Pagu*, (59), e205911. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664520>. Acesso em: 22 out 2022.

BORTOLETTO, Guilherme. LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade. Universidade de São Paulo, escola de comunicações e artes, centro de estudos latino-americanos sobre cultura e comunicação. São Paulo, 2019. Disponível em: [http://celacc.eca.usp.br/pt-br/tcc\\_celacc/lgbtqia-identidade-alteridade-comunidade](http://celacc.eca.usp.br/pt-br/tcc_celacc/lgbtqia-identidade-alteridade-comunidade). Acesso em: 15 jul 2022.

BRAGA, S, D. A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola. *Periferia*, educação cultura e comunicação. v. 4 n. 1 jan-jul 2012.

Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/114d/4b4096ada5aceebf29242ef3bb85cae1927e.pdf>.

Acesso em: 17 jun 2022.

CAETANO, M; LIMA, C; CASTRO, A. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p.5-16 jul/set 2019. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3179>. Acesso em: 16 jul 2022.

CANABARRO, Ronaldo. História e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. **Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional** (2013) – ISSN 2318-6208. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/historiaedireitoscanabarro.pdf>. Acesso em: 17 jul 2022.

Da SILVA, Denise. A experiência transexual: experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola. *Periferia*. 2012 4 (1), 5 – 24. INSS: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156373002>. Acesso em: 19 ago 2022.

DORNELLES, F; SERPA, L, P; KRUEL, C, S; NASCIMENTO, G, F, M; PRETTO, C, J, P. Transexualidade o Brincar Relacionado a Identidade de Gênero. *Research, Society and Dvelopment*, vol 8, núm. 5, 2019. Universidade Federal de Itajubá. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662196002/560662196002.pdf>. Acesso em: 23 out 2022.

FERREIRA, Jucélia Pinto; SOUZA, Ana Paula Abrahamian de; BOTELHO, Denise Maria. Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos. **Dialogia**, São Paulo, n. 41, p. 1-19, e21762, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/41.2022.21762>. Acesso em: 25 ago 2022.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod\\_resource/content/1/FOUCAULT.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod_resource/content/1/FOUCAULT.pdf). Acesso em: 07 abr 2023.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições **Graal**, 1976. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod\\_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-d-a-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-d-a-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf). Acesso em: 05 abr 2023.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis: **Editora Vozes**, 1987. Disponível em: [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf). Acesso em: 23 mai 2023.

FREUD, S. **Obras completas, v. 13. Conferências introdutórias à Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. FREUD, S. O eu e o id. In: FREUD, S. **Obras Completas, v. 16, O eu o e id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GROSS, J. O direito de existir para a sociedade: cidadania e sexualidade na luta por direitos da comunidade LGBT no Brasil. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba V. 7 - Nº 03 - Ano 2018 – **Educação, Gênero & Direitos Humanos**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/43001>. Acesso em: 17 jul 2022.

GUIZZO, B; RIPOLL, D. Gênero e sexualidade na educação básica e na formação de professores: limites e possibilidades. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Luterana do Brasil. **HOLOS**, Ano 31, VOL. 6. 2015. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2945>. Acesso em: 20 jul 2022.

JAYME, J. G. (2002). Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: pensando a construção de gêneros e identidades na sociedade contemporânea. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 5, Salvador. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33758190152925689426610166566579229989.pdf>. Acesso em: 26 jun 2022.

JUNIOR, E. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, p.36-51 / 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 20 jul 2022.

LIMA, T; MIOTO, R. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. **Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul 2022.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista, Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, **Vozes**, 1997. p. 14-36. Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes\\_de\\_genero/guacira\\_lopes\\_genero\\_26\\_ago\\_15.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf). Acesso em: 21 jul 2022.

MADUREIRA, A; BRANCO, A. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Jan-Mar 2007, Vol. 23 n. 1, pp. 081-090. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/qMGGxR9cTktDJ5kdBdBhLJL/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul 2022.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de; MAIA, Bóris. Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro. **Horiz. antropol., Porto Alegre**, v. 23, n. 49, p. 177-202, set. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832017000300177&lng=p t&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000300177&lng=p t&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago 2022.

NASCIMENTO FK, REIS RA, SAADEH A, DEMÉTRIO F, RODRIGUES ILA, Galera SAF, Santos CB. Brazilian transgender children and adolescents: Attributes associated with quality of life. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2020;28:e3351. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/pvdvkBMdT3yYGrmcMZ3VGfS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 de ago 2022.

NEVES, José. Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, V. 1, N 3, 2. Sem / 1996. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa\\_Qualitativa.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf). Acesso em: 14 jun 2022.

NOGUEIRA, R., & FRANK, H. (2020). Onde Estão As Pessoas Trans? Narrativas sobre corporalidades dissidentes em espaço escolar. **Cadernos De Gênero E Diversidade**, 6(3), 166–188. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i3.38421>. Acesso em: 19 ago 2022.

PEREIRA, Cleyton. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **Bauru**, v. 4, n. 1, p. 115-137, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/307>. Acesso em: 22 jul 2022.

RAIMUNDO, L. H.; MIRANDA, M. H. G. de; SILVA, A. C. da; SILVA, B. A. R. S.; NASCIMENTO, D. da S. ; ALMEIDA, J. C. de F.; SANTOS, L. T. S.; ROCHA, P. S. The Travestis, Transexual and Transgender (TTTs) and School: Between the (re)production and the denounce of the abject bodies . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 10, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.18336. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18336>. Acesso em: 18 ago 2022.

VIEIRA, R., GHERARDI, S. R., & SEVERO, M. F. (2017). Causas e consequencias da

homofobia na escola: uma revisão bibliográfica. **Multi-Science Journal**, 1(10), 69–77.  
Disponível em: <https://doi.org/10.33837/msj.v1i10.381>. Acesso em: 26 ago 2022.